



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTE DRAMÁTICA

CLARISSA DE MEDEIROS BÖCK

**COMPOSIÇÃO DA PERSONAGEM ANTÔNIA ATRAVÉS DE
CIRCUNSTÂNCIAS PROPOSTAS**

PORTO ALEGRE/RS

2025

CLARISSA DE MEDEIROS BÖCK

**COMPOSIÇÃO DA PERSONAGEM ANTÔNIA ATRAVÉS DE
CIRCUNSTÂNCIAS PROPOSTAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Arte Dramática do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, para obtenção do título de Bacharel em Teatro em Interpretação Teatral.

ORIENTADORA: PROF^a. DR^a. CRISTIANE
WERLANG

PORTO ALEGRE/RS

2025

CLARISSA DE MEDEIROS BÖCK

**COMPOSIÇÃO DA PERSONAGEM ANTÔNIA ATRAVÉS DE
CIRCUNSTÂNCIAS PROPOSTAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Arte Dramática do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, para obtenção do título de Bacharel em Teatro em Interpretação Teatral.

Apresentação em 17 de janeiro de 2025.

BANCA EXAMINADORA:

PROF^a. DR^a. CRISTIANE WERLANG (ORIENTADORA)

PROF^a. DR^a. PATRÍCIA LEONARDELLI

PROF. DR. HENRIQUE SAIDEL

CIP - Catalogação na Publicação

Böck, Clarissa
COMPOSIÇÃO DA PERSONAGEM ANTÔNIA ATRAVÉS DE
CIRCUNSTÂNCIAS PROPOSTAS / Clarissa Böck. -- 2025.
69 f.
Orientadora: Cristiane Werlang.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Artes, Curso de Teatro: Interpretação Teatral,
Porto Alegre, BR-RS, 2025.

1. Criação de Personagem. 2. circunstâncias
propostas. 3. análise ativa. 4. Stanislavski. 5.
sistema das ações físicas. I. Werlang, Cristiane,
orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).

AGRADECIMENTOS

Meus sinceros agradecimentos à minha amiga e colega de estágio, Letícia Martinelli, que embarcou comigo nessa enriquecedora jornada, na qual não mediu esforços para concretizar o nosso propósito.

Ao nosso elenco, Laura Fensterseifer e Carolina Haubert, pelo suporte em todas as etapas da criação, inclusive e principalmente emocional.

À minha orientadora Cristiane Werlang por estar sempre presente nos ensaios e por despertar o meu interesse em pesquisar sobre o mestre Stanislavski, por quem tenho interesse desde o primeiro semestre da graduação.

Agradeço àqueles que dispuseram de seu tempo para assistir ao espetáculo Santos e Arcanos, nunca esquecerei de vocês!

O maior agradecimento é dedicado à minha mãe, Flávia Medeiros, que sempre apoiou às minhas escolhas e nunca me deixou desistir, além de ter feito o impossível para criar eu e minhas irmãs.

Agradeço às minhas irmãs, Stella e Priscila, as quais são um dos pilares mais importantes da minha vida e que sempre me dão suporte quando preciso.

Agradeço à minha bisavó Antônia, por toda a vida de dedicação à família e principalmente pelo amor que dedicou a minha mãe. Esse amor, foi reproduzido em suas filhas.

Por fim, e não menos importante, agradeço à minha cachorrinha Kimura e à minha gatinha Kaku, que estiveram presentes durante todo processo de elaboração desse trabalho. Além da companhia, os seus lindos rostinhos adormecidos, forneceram-me todo o suporte emocional necessário.

“o ator é rachado em dois pedaços quando está atuando. [...] o ator vive, chora, ri, em cena, mas quando chora e ri ele observa suas próprias lágrimas e alegria. Essa dupla existência, esse equilíbrio entre a vida e a atuação, é que faz a arte.”

STANISLAVSKI 2014 p. 237.

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso tem como objetivo apresentar os procedimentos utilizados durante o processo de composição da personagem Antônia, da obra Santos e Arcanos, criada e desenvolvida no estágio de atuação e apresentada na Mostra DAD 2024, no Departamento de Arte Dramática/UFRGS. A criação foi desenvolvida a partir de improvisações de circunstâncias propostas pelas atrizes, baseado no sistema de ações psicofísicas de Constantin Stanislavski. Tendo como ponto de partida o relatório de estágio, discute-se e analisa-se os procedimentos mais marcantes no processo de criação da personagem Antônia.

Palavras-chaves: Criação de Personagem; circunstâncias propostas; análise ativa; Stanislavski; sistema das ações físicas.

ABSTRACT

This work of conclusion has an objective to present the procedures used during the composition process of the character Antônia, about the play “Santos e Arcanos”, created and developed in Final Curricular Stage and presented in the DAD´show 2024 at Department of Dramatic Art. The creation was developed from proposed circumstances and improvisations for the actresses, based on the Constantin Stanislavski's system of psychophysical actions. Having the starting point of the Final Curricular Stage Report, I talk and analyze the procedure more noticeable in the process of character creation of Antônia.

Keywords: Character creation, proposed circumstances; active analyses; Stanislavski; system of psychophysical actions.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. DESENVOLVIMENTO.....	12
2.1. Referências pessoais e artísticas na composição da personagem Antônia	14
3. COMPOSIÇÃO ATRAVÉS DE IMPROVISAÇÕES DE CIRCUNSTÂNCIAS PROPOSTAS	19
3.1. “Se” mágico	24
3.2. Ação.....	25
3.3. Imaginação	27
4. CONCLUSÃO.....	30
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	33
6. ROTEIRO DE SANTOS E ARCANOS	35
CENA 1 – Infância.....	35
CENA 2 - Solilóquio da cartomante	37
CENA 3 - Apresentando Antônia	38
CENA 4 - Benedita iludida	41
CENA 5 - Visita da Ludovica	43
CENA 6 - Visita da Antônia.....	46
CENA 7 - Visita da Benedita	48
CENA 8 - São só bobagens	52
CENA 9 - Missa	53
CENA 10 - Um bolo por cima do muro.....	54
CENA 11 - Briga das filhas	56
CENA 12 - Benedita no muro	61
CENA 13 - Ping-Pong	61
CENA 14 - Final.....	64

1. INTRODUÇÃO

Essa pesquisa teve início em 2023 na cadeira Preparação de Estágio, ministrada por Patrícia Leonardelli, onde instigou-se a pensar sobre o que investigar durante o estágio de atuação. Sendo bem sincera, nunca me senti tão perdida em toda a minha vida acadêmica, todas as minhas referências pareciam ter desaparecido da minha memória, eu simplesmente não conseguia pensar em nada para pesquisar e apresentar.

Depois de muito pensar e vasculhar a minha memória sobre temas e técnicas já trabalhadas durante o curso de Bacharelado em Interpretação Teatral, algumas certezas e desejos se tornaram mais claros: queria trabalhar com personagem e sua composição psicofísica dentro do gênero do realismo. Depois de pesquisar algumas peças do gênero, descobri *A casa de Bernarda Alba*, de Federico García Lorca, uma obra que provocou o meu interesse, pois se passa em uma sociedade patriarcal de opressão religiosa, social e moral sobre as mulheres. Porém, por ser uma peça com muitos personagens e que demandaria uma equipe grande de atores, optei por não escolher esta dramaturgia.

Durante esse processo surgiu a ideia de juntar o meu estágio de atuação com outra parceira de estágio. Considerei a possibilidade de aliar-me com alguns colegas, mas estavam decididos e fechados em seus projetos, os quais não me agradaram muito. Então, pensei na Letícia Martinelli, colega pela qual já cultivava uma amizade e já havia trabalhado em outra peça, *Coração Fatal*¹. Assim, julguei que seria uma ótima ideia criar algo em conjunto. Certo dia, marcamos um almoço e começamos a falar sobre o que nos agradava e quais coisas queríamos trabalhar. Eram muitas ideias e muitas vontades, confesso que nesse primeiro momento tínhamos ideias até demais. Era difícil não se perder. Ela me contou sobre o seu desejo de trabalhar com as cartas de tarot e eu lhe disse que estava inclinada a trabalhar *A casa de Bernarda Alba*. Ficamos preocupadas em como isso poderia funcionar já que eram caminhos muito diferentes, mas estávamos dispostas a fazer dar certo.

Em verdade, apesar das diferenças, havia alguns temas em comum que queríamos trabalhar, como: estudar mulheres que foram invisibilizadas como nossas bisavós, desenvolver uma obra que se passasse no século anterior ao nosso, em uma

¹ Peça desenvolvida e criada na cadeira de Ateliê de Composição e Montagem no Departamento de Arte Dramática. Dirigida por Leo Mello.

sociedade patriarcal, e discutir qual era a condição da mulher nesse contexto. Trabalhar, também, com cartas em geral como cartas de tarot, telegramas e cartas de amor. Além disso, queríamos estudar estereótipos de mulheres cristãs, mas uma coisa era certa, desejávamos trabalhar com mulheres e temáticas feministas.

Como resultado dessa primeira conversa, decidimos nos juntar e montar uma peça no qual houvesse duas mulheres: uma cartomante, que traria o misticismo para a cena, e uma mulher mais parecida com a Bernarda Alba. Assim, decidimos que uma das mulheres seria a voz da sociedade patriarcal e teria duas filhas, a outra seria mais livre e desligada das amarras sociais da época. Como queríamos trabalhar com mulheres, estava fora da curva ter um personagem homem. Decidimos que essa mulher teria um marido, mas ele seria sempre ausente, já desenhando um primeiro obstáculo para a personagem Antônia e também para a sua família. Logo de cara, Letícia identificou-se com a cartomante e eu com a mulher recatada e do lar. O primeiro capítulo de nosso estágio estava nascendo.

Era hora de decidir nosso elenco e se queríamos ou não alguém para dirigir o projeto. Caso surgisse a vontade de ter uma diretora, seria uma mulher, que entendesse mais claramente o que queríamos mostrar e falar. No primeiro momento decidimos não ter diretora, tentamos sozinhas nos dirigir. Só mais tarde convidamos alguns colaboradores para a direção como a Savana Ferreira e o Ally Anller. Depois de muita conversa, decidimos escolher a Laura Fensterseifer e a Carolina Halbert como parte de nosso elenco. Definimos também a década, que era a de 1930. Tínhamos a necessidade de mostrar mulheres que sofrem com a opressão do lar e do marido, juntamente com a opressão religiosa.

Os dias de ensaios foram passando e estabelecemos que cada uma escolheria o nome de suas personagens para que houvesse uma maior aproximação emocional com elas. Eu seria Antônia, para homenagear minha bisavó querida, Letícia seria Luzia para homenagear sua tia avó, Carol como Benedita e Laura como Ludovica, no caso delas, pesquisaram qual eram os nomes mais usados na década de 30.

Desde o início dos ensaios, o meu desejo era focar na construção de uma personagem realista. Gostaria que ela representasse pessoas que de alguma forma já existiram em certo momento da história da humanidade. Para mim, existiram muitas Antônias que cuidaram do lar, das filhas e do marido, as quais temiam fazer alguma coisa fora da moral exigida pelas normas da igreja católica, que se viam amedrontadas por seus maridos que nunca estavam presentes e, mesmo assim, tinham a ilusão de

que eram sortudas e tinham uma vida perfeita. Com a peça e a personagem Antônia, uma mulher da década de 30, quando as mulheres eram ensinadas a acreditar que tudo o que elas podiam conquistar era uma casa para cuidar, filhos para criar e um marido por quem esperar, almejei que essas histórias não fossem esquecidas e o público pudesse refletir sobre o lugar da mulher na sociedade atual.

O desejo era pensar e problematizar essa condição da mulher. Não queríamos que fosse algo super dramático onde o público saísse chorando. Queríamos algo sutil para se refletir, com alguns pingos de comédia nas personagens. Era uma vontade de tratar de um tema pesado de uma maneira leve.

A peça em si não é cômica, porém, a problemática exposta é atenuada com momentos mais leves e engraçados. Grande parte desses toques de comédia foram devido as improvisações que fizemos, às vezes eram cômicas demais, outras vezes nem tanto. Era preciso achar um equilíbrio entre o cômico e o dramático. Além disso, havia partes que nem era a proposta ser cômica, mas o público achou muito engraçado e acabamos adotando esse humor. E a peça acabou se tornando um estilo mais “novela”, o que me agradou muito, porque cresci assistindo novelas de época como Chocolate com pimenta, Alma gêmea, O clone, entre outras. Todas essas obras eram muito divertidas, mas mesmo assim tratavam de temas sérios e dramáticos, mas com uma pitada de humor. E para mim, Santos e Arcanos ficou com a cara dessas novelas.

Tudo isso me fez refletir em como o público influencia as apresentações. Em duas de nossas três sessões de estreia, o público achou muito cômico algumas cenas, o que nos fez sentir confortáveis e até rimos juntas em determinados momentos. Já na terceira apresentação, o público não achou muito engraçado certas coisas, o que nos ajudou a seguir com uma concentração maior. Vale ressaltar que algumas coisas não eram intencionais que o espectador risse, mas abraçamos o cômico e não nos arrependemos disso.

Para nós, atores e atrizes, é preciso ter domínio de toda a dramaturgia para que haja brechas para a improvisação acontecer no meio da cena e caso queiramos colocar palavras, frases e ações que não estão no texto, isso se dará de forma natural e orgânica. A capacidade de improvisar ajuda, também, em situações não programadas, como aquelas em que a colega de cena esquece o texto ou não diz a nossa deixa.

No caso de quando é o próprio ator que está criando o texto e a dramaturgia, ele tem muito mais domínio das falas, porque foram inventadas por ele próprio, saídas de seu próprio eu, atendendo suas vontades e desejos. O que faz com que se saiba exatamente a ideia, o objetivo e os obstáculos de cada cena. O que aconteceu conosco na criação das falas textuais foi muito mais simples de decorar e poderíamos acrescentar ou até tirar palavras na hora de passar a cena.

Improvizamos centenas de vezes para chegar a esse lugar que conhecemos hoje, a peça Santos e Arcanos. Toda a composição das personagens e da dramaturgia foi criada a partir de improvisações que eram propostas pelas quatro atrizes e pelos colaboradores do processo. Neste trabalho relato os procedimentos utilizados durante a composição da personagem Antônia e apresento as teorias que embasam a minha prática. Considero que as noções de improvisação de circunstâncias propostas, o “se” mágico, a ação e a imaginação, segundo Constantin Stanislavski e seus alunos, me ajudam a entender este processo. Este pedagogo russo revolucionou o mundo da atuação no início do século XX com o seu sistema das ações psicofísicas e os muitos métodos e técnicas que nele estão contidos. Assim, passo por alguns destes conceitos refletindo o quanto esse sistema é atual, sendo versátil e útil para todos os processos de criação em atuação teatral, e inclusive, para a composição da dramaturgia.

Mas sem mais delongas, sejam bem-vindos e bem-vindas ao relato, discussão e análise do processo de criação da personagem Antônia, da peça Santos e Arcanos. A dramaturgia foi criada por mim e pela minha colega Letícia Martinelli, apresentada nos dias 13 e 14 de dezembro de 2024. Peguem um café, sintam-se à vontade e vamos começar!

2. DESENVOLVIMENTO

O objetivo deste trabalho é relatar e discutir os procedimentos utilizados para a composição da personagem Antônia, da peça Santos e Arcanos, e encontrar as teorias, técnicas e métodos que auxiliaram nesta jornada.

Primeiramente, ressalta-se que o relatório de estágio servirá como guia para relembrar os caminhos escolhidos durante a criação da personagem. Apresento também as referências bibliográficas que serviram de base para entender o processo prático de criação de Antônia. Da mesma forma, relatarei as referências pessoais e artísticas que me acompanharam.

A principal referência bibliográfica para este trabalho são os estudos e ensinamentos de Constantin Stanislavski (1863-1938), fundador do Teatro de Arte de Moscou, e um dos responsáveis por revolucionar a arte da atuação no século XX. Num mundo onde os atores eram meros fantoches, onde a maioria das técnicas visavam a repetição e não a criação, Stanislavski incentivou uma atuação baseada na ética e na criatividade. Uma das técnicas que compõem o sistema das ações psicofísicas é o da Análise Ativa, uma análise da obra através da ação elaborada pelo ator e/ou pelo diretor. A Análise Ativa é uma ferramenta para acionar o aparato criativo do ator, gerando o conhecimento das ações dramáticas da peça através da improvisação. Hoje, 87 anos depois da sua morte, o sistema prova sua eficácia, permitindo que profissionais do teatro do mundo inteiro possam utilizá-lo e desenvolvê-lo.

Dentre os livros de Stanislavski utilizados neste trabalho estão “*A Preparação do Ator*” e a “*Construção da Personagem*”, traduções para o português feitas a partir do inglês. Recorro também a outros livros de estudiosos que trazem traduções mais precisas. Cada autor traz uma linha de pesquisa diferente sobre o mesmo tema, atualizando-o para os dias atuais. Interessante notar o quanto o trabalho de Stanislavski sobre a personagem pode ser versátil e efetivo ainda hoje.

Outra referência é a pesquisadora e pedagoga teatral Nair D’Agostini, uma das primeiras brasileiras a estudar teatro na Rússia, antiga União Soviética. Ela apresenta seus ensinamentos em seu livro “*Stanislavski e o Método de Análise Ativa*”, no qual explica em detalhes conceitos usados por Stanislavski e os reformula em seus próprios estudos.

O mesmo acontece com Eugênio Kusnet (1898-1975), em sua obra “*Ator e Método*”, sendo ator e professor, também estudou na Rússia. Ele, assim como Nair, explica passo a passo o sistema das ações psicofísicas, e consegue fazer uma tradução clara dessa obra.

Utilizo também a obra “*Análise-ação*” de Maria Knebel (1898-1985), atriz, pedagoga e pesquisadora russa que trabalhou e estudou ao lado de Stanislavski e criou o termo Análise Ativa. Quem organizou e transcreveu este livro foi Anatoli Vassíliev, aluno de Knebel. A obra oferece um panorama completo do trabalho de Stanislavski, a partir da visão de Knebel, abordando uma série de elementos que a autora considera fundamentais.

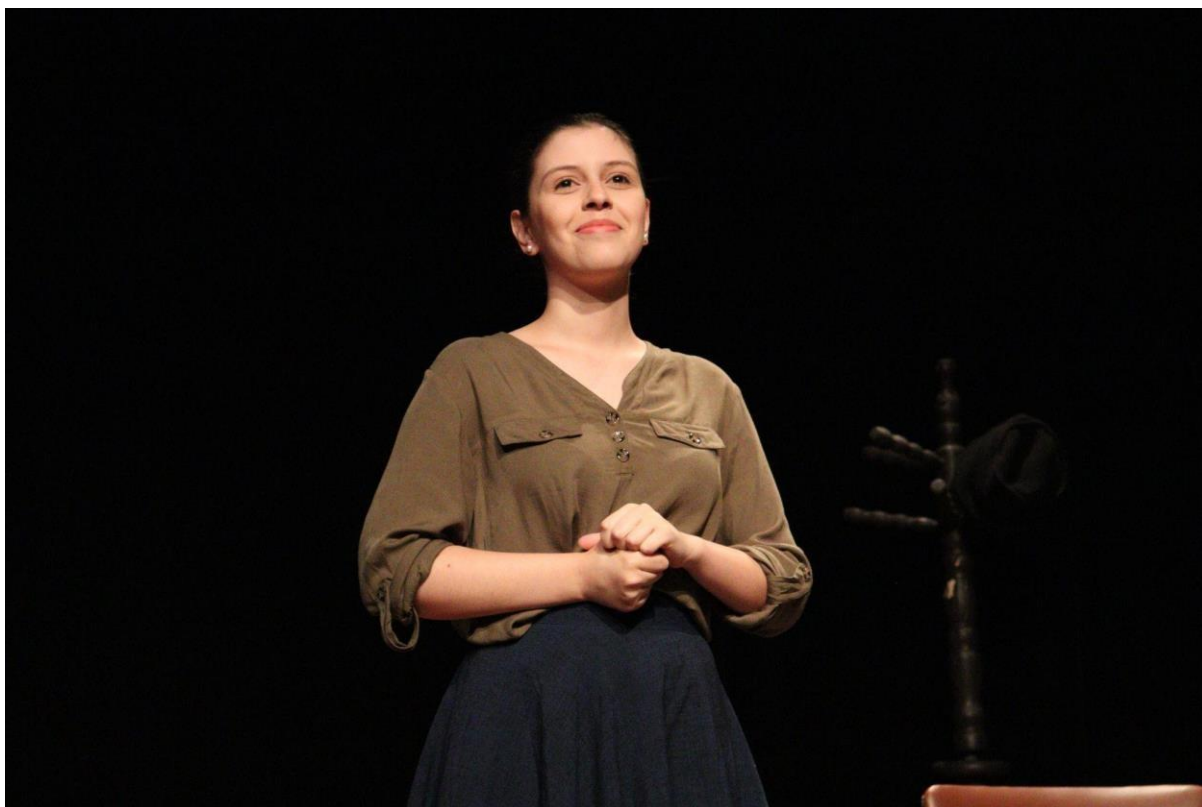


Figura 1 – Personagem Antônia, em cena.

2.1. Referências pessoais e artísticas na composição da personagem Antônia

Criar uma personagem, na minha concepção, não é só produzir uma criatura em um diferente contexto daquele em que vivo, mas sim, gerar um ser humano com o qual me identifico até um determinado ponto, onde entendo suas dores, seus temores e até suas justificativas para a maldade. Chamo isso de empatia com a personagem. Nos meus processos criativos, cada personagem possui uma parte minha dentro dele.

A personagem Antônia foi criada em homenagem a minha bisavó, que tinha o mesmo nome, e a minha mãe, que foi criada pela *bisa* Antônia. Além disso, a minha bisavó tem a personalidade semelhante à da Antônia e viveu na mesma década em que a peça se passa. Antônia (personagem), por sua vez, também possui características próximas às minhas.

Em Santos e Arcanos, há também referências sobre irmandade, já que tenho duas irmãs e elas são minhas melhores amigas, com quem posso contar e queria que isso passasse para a peça, já que as personagens principais são irmãs e mesmo distantes, uma sempre pode contar com a outra.

Em certo ponto, minha personalidade é parecida com a da Antônia, pois ela é uma mulher muito forte e acredito que eu também seja. Ela se preocupa com todos a sua volta, assim como eu. Além disso, em certo ponto, também sou recatada e pudica demais, assim como minha personagem. Outra proximidade é a fé: fui criada em uma família católica, onde sempre fui devota de Nossa Senhora Aparecida. Não foi planejado que Antônia também fosse devota dela, mas acabei trazendo minhas referências para a cena. Isso fica nítido na cena da missa, onde a personagem reza a oração Ave Maria.

Eu precisava, também, encontrar um corpo para ela, como seria? Mais duro/rígido? Pensei em algo como se fosse uma terra dura e lamacenta, que fosse achatada durante a vida. Em um dos ensaios, a Cristiane Werlang propôs os elementos como metáfora para descobrir melhor e isso foi de grande ajuda para mim. Primeiro percorri vários elementos, como fogo, água, vento e não achei que combinava muito com a Antônia, o único possível era a terra, e não poderia ser qualquer uma, teria que ser uma terra barrenta e dura.

Eu queria descobrir como era o caminhar dela, o que a movia, se eram os pés, a coluna, os braços, a cabeça. O que mais agradou, e achei ser próximo do corpo da personagem, foram os pés ágeis e seus passos curtos e rápidos, sua coluna ser um pouco corcunda e dura, os braços ao longo do corpo, a cabeça sempre na linha do horizonte, como se a postura dela fosse inabalável. Porém, o olhar deveria ser para baixo, como se tivesse medo de olhar até a sua própria sombra. Os movimentos eram precisos e limpos. Descobri que Antônia tinha “toque” de estar sempre arrumando sua roupa e medo de não estar “apresentável”, mas ao mesmo tempo apertava com as mãos a sua saia para conter as angústias. As cores de sua vestimenta possuíam tons escuros que representavam o luto pela liberdade que lhe fora tirada. Outro toque, é estar sempre arrumando a casa, para ela é imperdoável estar algum objeto fora do lugar.

Além da questão corporal, eu precisava descobrir a personalidade dela, para isso, usei as referências que tinha e fui testando vários traços psicológicos da Antônia. No começo, fui muito para o lado meigo dela, como se ela sempre fosse carinhosa com as filhas e não era algo que eu queria para ela. Mais tarde, testei algo mais carrasco, como se ela fosse opressora com as filhas e com a irmã, mas acabei exagerando nesse lado e não me agradou porque essa não era a Antônia ideal para mim.

Queria uma mulher séria e dura com as filhas no momento que precisasse ser, e ainda sim, uma mãe que não medisse esforços para fazer a felicidade das filhas, mesmo que não concordasse com isso. Essa característica é exposta na cena três do espetáculo, quando a Ludovica quer ir para a faculdade e a mãe, apesar de não gostar da ideia, apoia sua filha. Outro ponto é o preconceito, no sentido literal da palavra, que Antônia tem com sua irmã Luzia, em razão de suas crenças e por não querer se indispor com a sociedade ou com o marido.

Algo que ajudou a desenvolver o universo interno da infância das personagens, foi as brincadeiras lúdicas que uma das colaboradoras, a colega Savana Ferreira, propôs em um dos ensaios. O exercício consistia em brincadeiras reais, que nós atrizes, brincávamos quando crianças, como o esconde-esconde, pega-pega, ovo-podre, “adoletá”, “viuvinha por que choras”, ciranda cirandinha, entre outras. Esses jogos lúdicos desenvolveram outras camadas das personagens e a partir deles foi criada a primeira cena da peça, no qual mostra a infância de Antônia e Luzia e o tanto que elas eram próximas.

Ainda, como referências pessoais, utilizei alguns relatos contados por parentes e amigos os quais poderiam me dar alguma informação a partir de histórias de família. Comecei com a minha mãe que conviveu bem mais com minha bisavó, oportunidade que não tive, porque quando ela se foi, eu tinha quatro anos. Minha mãe me disse que a educação da bisavó era muito rígida, coisa que naquela época era comum, e que os filhos precisavam seguir certas regras, se não, eram fortemente repreendidos e castigados. Em contraponto, a *bisa* Antônia era muito carinhosa com os filhos e netos, vivia para servir a casa, a família e o marido e era principalmente uma segunda mãe para a minha.

Do mesmo modo, também usei alguns relatos de familiares da minha orientadora Cristiane Werlang, ela contou que tinha uma tia super beata e que seguia fortemente as regras sociais da época em que viveu e frequentava muito a igreja. Certo dia, ela teve uma crise de riso no meio da missa! Isso me inspirou a criar a cena em que minha personagem e as filhas vão à missa, cena que com o passar dos ensaios virou supercômica, inclusive o público riu bastante. Lembro que na estreia nem as atrizes aguentaram e riram no meio da cena!

Além disso, as histórias que minha colega de estágio Letícia contou se tornaram parte das minhas referências pessoais. Ela relembrou que sua tia teve uma criança e doou para a irmã criar, o que nos deu inspiração para criar um enredo onde a personagem dela, a Luzia, fosse mãe solteira e doasse a filha para Antônia criar.

Através desses relatos, notei que o padrão de criação nestas famílias era sempre o mesmo: repreensão para seguir fielmente as normas da sociedade patriarcal e religiosa, reproduzindo a mesma educação rígida dos seus antepassados.

Tenho duas irmãs mais velhas, que sempre tive uma relação de amor, carinho e respeito. Essa referência pessoal foi basilar para a criação da trama entre Antônia e Luzia. Eu queria duas irmãs que se amassem apesar de tudo, que fossem melhores amigas, assim como é a relação com as minhas próprias irmãs. Na trama, as meninas só se separaram por motivos muito maiores que elas, como o abandono de Luzia pelos pais e a repreensão do marido à Antônia que proibia a relação entre as duas. Mesmo distantes, Antônia ajudava sua irmã nos momentos de necessidade e sempre levava bolos a ela, o que demonstrava seu amor e cuidado. Essa relação entre as duas personagens foi inspirada em cada uma das minhas irmãs. Sobre o bolo: me inspirei na Priscila porque ela ama cozinhar e sempre faz bolos para alegrar a família. Já a preocupação e o cuidado de Antônia com a Luzia foi inspirado na Stella, porque

assim como minha personagem, ela é a irmã mais velha e sempre se preocupa com todo mundo, principalmente comigo, a caçula! Eu já tinha o que precisava, só faltava trazer tudo isso para a minha criação.

Sobre as referências artísticas, busquei algo parecido com as circunstâncias em que a personagem Bernarda Alba estava envolvida, como as sociais: uma comunidade patriarcal, marcada pela opressão moral e religiosa. As mulheres eram submetidas a ser de um determinado jeito e educar as filhas da mesma forma, viviam em uma bolha moral e social na qual não havia margem para erros, sem jamais questionar o lugar que ocupavam na sociedade.

Em *Santos e Arcanos*, a filha que mais se parece com Antônia é a Benedita, que foi adotada por ela, pois historicamente esses ensinamentos são passados de mãe para filha e queríamos mostrar isso. Já a filha Ludovica, conseguiu se desvencilhar dessas amarras sociais, assim como Luzia. Cada irmã tem sua dualidade e é o contraponto da outra. Acredito que isso é um dos pontos mais interessantes da história. Busquei referências da época e como as famílias e as mulheres se relacionavam, como uma mãe se relacionava com um filho, como duas irmãs se tratavam.

Além da obra *A Casa de Bernarda Alba*, outra referência artística importante foi o filme *As Horas*, de Stephen Daldry, que faz um paralelo com a história de Mrs. Dalloway, de Virginia Woolf. O filme conta a história de três mulheres de gerações diferentes e uma delas é Laura Brown, interpretada por Julianne Moore, que vive uma dona de casa grávida, já tendo um filho pequeno para criar enquanto tenta sustentar um casamento infeliz em Los Angeles. Isso confronta o que eu queria mostrar da Antônia, porém um pouco diferente, porque ela é uma mulher que não se dá conta que está infeliz, mas tenta sustentar o casamento com um marido ausente e nunca tenta sair dessa situação. Já a personagem de Moore, se divorcia e abandona o filho anos depois que é mostrada a história, minha personagem nunca faria isso. Ela daria tudo pelas filhas e ficaria até o fim com o casamento infeliz. Acho interessante mostrar essas diferenças, mesmo quando elas servem de inspiração.

Além destas referências do audiovisual, usei o processo de criação da peça *Coração Fatal* que ajudei a montar, e foi através dela que pude ver que era possível criar um espetáculo do zero empregando as improvisações de circunstâncias propostas.



Figura 1 – Personagem Antônia e Luzia, em cena.

3. COMPOSIÇÃO ATRAVÉS DE IMPROVISAÇÕES DE CIRCUNSTÂNCIAS PROPOSTAS

A curiosidade sobre a criação através de improvisações foi instigada na disciplina *Atelier de Composição e Montagem*, quando criamos um espetáculo do zero, apenas usando improvisações e isso abriu minha mente para um leque de possibilidades que a própria improvisação fornece! Criar universos e histórias a partir da improvisação requer que nossa imaginação traga todas as nossas referências pessoais e artísticas para o trabalho. O que realmente fez toda a diferença quando criamos *Santos e Arcanos*, foi trabalhar com improvisações para compor não só as personagens, mas também a dramaturgia.

Quando começamos o processo criativo, eu usava a palavra improvisação para o que fazíamos, porém é um tema muito amplo, com muitas possibilidades e caminhos. Eu precisava entender e pesquisar sobre esta técnica. Segundo Marcolino e Rosseto (2014, p. 65) a improvisação é “...criar, jogar, arriscar, transformar uma ideia num espaço privilegiado para as concepções poéticas e simbólicas. É uma atividade na qual o texto e a representação são criados no decorrer da cena e, na maioria das vezes, sem ensaio prévio.” Os registros mais antigos sobre a técnica da improvisação são encontrados na *Commedia dell’Arte*².

Conhecendo um pouco sobre o sistema das ações psicofísicas, estudei mais detalhadamente até chegar no termo circunstâncias propostas. Percebi, então, que o termo *improvisação* designava algo bem mais amplo do que pensava. Digo, ainda era improvisação. Mas, era uma improvisação através das circunstâncias propostas. Mas o que são essas circunstâncias propostas?

“são a fábula da peça, seus fatos, acontecimentos, o tempo e o lugar da ação, as condições de vida da personagem e nosso entendimento da peça enquanto atores e diretores, nossas contribuições pessoais, as marcações, a montagem, o cenário, os figurinos, objetos cênicos, iluminação, sonoplastia e tudo mais que se propõe aos atores durante a criação.” STANISLAVSKI *apud* KNEBEL, 2016. p.32.

² “A *Commedia dell’Arte* foi um importante acontecimento para o teatro mundial e elevou a figura do ator dentro da peça. Esse processo iniciou-se no século XVI e perdurou durante o seguinte. Havia apenas um roteiro a ser seguido, mas as falas eram improvisadas, sendo assim, o ator tinha total liberdade de criação e sentia-se à vontade em cena com seu personagem.” (MARCOLINO; ROSSETO, 2014. p.65).

Portanto, as circunstâncias propostas são a conjuntura na qual a personagem está envolvida e tem a função de disparar a imaginação do ator para a improvisação de situações/acontecimentos. Estas situações podem fazer parte da dramaturgia final e/ou auxiliar na composição psicofísica das personagens, ajudando o ator a descobrir e a compreender melhor a sua criação e como ele agiria.

Os primeiros ensaios trouxeram questionamentos importantes. Será que é só chegar na sala de ensaio e partir para a ação? Antes de fazer as improvisações de circunstâncias propostas, o que é necessário para o ator? Percebi o quanto o aquecimento era fundamental para preparar o ator para o trabalho com a improvisação. Tivemos como base para esse aquecimento os *ViewPoints*³: caminhada pela sala investigando tempo, ritmo, espaço e forma até chegar no estado da personagem. Este aquecimento nos deixava aptos para o trabalho. A partir daí, cada dia uma das atrizes dirigia o aquecimento.

Em um dos ensaios, propus um exercício de improvisação a partir da seguinte circunstância: tínhamos que improvisar um dia na vida das personagens de forma dinâmica, o que elas faziam, quando acordavam até a hora de dormir. Sobre a personagem Antônia, ela acordava e nem se arrumava muito, porque não era vaidosa, mas corria para fazer o café da manhã para a família, levava as filhas para a escola e ia na missa, pois era muito religiosa. Depois disso, voltava para casa, fazia o almoço e o bolo para o café da tarde, por fim, esperava o marido voltar para casa, a noite, após o trabalho. Essa improvisação foi muito marcante, pois sugeriu várias camadas para investigar e trabalhar: a religiosidade, a falta de vaidade, a angustiante espera pelo marido que nunca chegava, a devoção para com a família e a paixão em preparar bolos. Essa improvisação ajudou a tornar evidente o quanto ela gosta de assar bolos e presentear sua irmã com eles.

A criação através da improvisação exige do ator uma grande capacidade de gerar os acontecimentos sequenciais da obra e os tangenciais ao texto. Em meu caso, só tínhamos uma ideia da história e das personagens, mas nada concreto. A técnica de improvisação exige do ator grande grau de disponibilidade e uma flexibilidade mental e física para a criação de uma série de ações psicofísicas, que necessitam ser coerentes com as circunstâncias da vida de seu personagem. Stanislavski ensina que

³ *Viewpoints*, foi criado por Mary Overlie, e concretizado por Anne Bogart e Tina Landau anos mais tarde. O modelo do *Viewpoints* é uma técnica de treinamento e um sistema de ensaio que se divide em seis módulos: espaço, forma, tempo, emoção, movimento e história.

nessa investigação, o ator deve partir de si mesmo, ou seja, ele age em seu próprio nome, com seu corpo físico e mental, originando o texto a partir de suas próprias palavras. Além disso, contempla a personagem com suas vivências e referências. Para isso, o ator precisa fazer um intenso treinamento para uma formação corporal e mental, que seria um treino constante da imaginação criativa e a investigação das ações. Stanislavski considerava a improvisação de *études*⁴ um meio fundamental no processo de criação e investigação da ação. Essa investigação possibilita a criação de uma série de ações da personagem, onde se dá o conflito e os obstáculos, revela a ideia da peça, e aprofunda a relação entre as personagens.

Segundo Eugênio Kusnet, grande discípulo de Stanislavski, “a improvisação é a base de criação em todas as artes” e “a criação deve ser sempre espontânea”. Ele acredita que a improvisação participa de todas as etapas da criação, desde o primeiro ensaio até o dia da apresentação e que tudo isso será possível a partir da espontaneidade do ator e através de estímulos propostos a ele.

Kusnet acredita que o verdadeiro espírito de improvisação se dá a partir de quando os atores mantêm seus objetivos sem nunca perdê-los e sempre improvisam a partir dos limites estabelecidos, ou seja, dentro das circunstâncias propostas. Como parte desse treinamento, o ator precisa estar sempre receptivo às ações dos colegas, deve percebê-las, compreendê-las e só depois reagir. É através das ações dos outros que realizamos a nossa própria ação.

Para um ator é muito difícil não cair no clichê na hora de improvisar, por isso é importante desenvolver essas faculdades, assim fica muito mais fácil para ele receber e captar novos detalhes das ações cênicas, que ao serem novas, ele reage com muito mais autenticidade.

Como dito anteriormente, a improvisação acontece muitas vezes pelas circunstâncias propostas. Na hora da criação da personagem, precisamos estabelecer algumas coisas pontuais antes da improvisação. Quem é a personagem? Quantos anos tem? Ela é má ou boa? Jovem ou velha? Em que época ela vive? Quais as condições sociais em que está envolvida? Precisa ter um ponto de partida para iniciar os trabalhos.

⁴ *Étude*, é um estudo das ações da personagem em uma cena. É um micro acontecimento da vida das personagens, partindo de cinco acontecimentos: inicial, fundamental, central, final e principal. D'Agostini, 2018, p 66.

O material dramaturgico oferece ao ator as circunstâncias, mas e se está criando a peça do zero? De onde tirar as informações necessárias? É aí que a imaginação e a criatividade entram em jogo, é necessário saber o que se quer para sua personagem e criar as suas próprias circunstâncias. Os pontos essenciais precisam ser definidos, como aqueles que mencionei acima. Mas é necessário tomar cuidado, pois as circunstâncias propostas podem mudar todo o rumo de uma cena ou até mesmo de uma peça. Por isso é importante sempre improvisar as mesmas situações porque serve de veículo para que a atriz determine o rumo que quer para sua personagem.

A primeira coisa que deve ser definida, segundo Knébel (2016. p.33) é a época e o contexto social em que a obra se passa, pois é através disso que se desvendam os caminhos mais importantes da personagem e da peça. Entendendo a época, se entende as personagens e, em *Santos e Arcanos*, sabíamos que seria a década de 30 e que Antônia seria uma mulher de meia idade, Luzia sua irmã um pouco mais nova, já Benedita e Ludovica teriam a mesma idade, em torno de 16 anos, a primeira teria um pretendente e a outra queria ir para faculdade. Minha personagem seria uma dona de casa que servia as filhas e o marido, já a personagem da Letícia, uma cartomante, seria mal julgada por todos. Eram coisas pontuais que sabíamos dessas personagens. Além disso, Antônia e Luzia foram separadas pela infância, não sabíamos o motivo ainda, mas entendíamos que o acontecimento principal da peça era essa separação. E só podíamos descobrir o motivo dessa divisão através de improvisações das circunstâncias propostas: em que momento da vida elas se separaram? Foram forçadas ou optaram por essa divisão? O que ou quem causou isso?

Certo dia, improvisamos uma grande cena na qual essas perguntas foram respondidas, porém, foram mudando de acordo com o que queríamos para as irmãs. O momento em que elas se separaram foi na adolescência, foram forçadas a essa divisão e o motivo da desunião foi o marido de Antônia. Mais tarde, entretanto, através de novas improvisações, vimos que não queríamos que fosse esse o motivo da separação, descobrimos que foi a vergonha que Antônia e seus pais sentiam da irmã, por ela jogar cartas de tarot, algo considerado imoral perante a igreja e a sociedade. Além disso, Antônia tinha medo de enfrentar o mundo para defender Luzia, e achava que se apoiasse a mais nova, seria rejeitada e conseqüentemente perder seu casamento.

Já que só tínhamos isso definido, improvisamos pequenos diálogos entre uma personagem e outra. Nesta etapa, a circunstância proposta foi a seguinte: um diálogo entre Antônia e Benedita sobre o pretendente da filha. Como Antônia reagiria a tal situação? Era essa a investigação que precisávamos fazer. Outro exemplo, como minha personagem reagiria quando descobrisse que a outra filha queria ir para a faculdade? O resultado da investigação foi que a mãe tinha medo e não apoiava por achar que a filha deveria se casar e não se aventurar estudando. Mesmo assim, para a fazer feliz, demonstrava apoio.

Uma das primeiras improvisações com as circunstâncias propostas que fizemos foi quando Antônia foi visitar Luzia e levou um bolo para ela. Era apenas isso que sabíamos antes de começar a improvisar, mas o resultado foi muito satisfatório: o relacionamento entre as irmãs não estava bom e o marido da mais velha não gostava que ela fosse visitar a mais nova, por isso ela sempre ia escondida em suas visitas, mas sempre levava um pedaço de bolo, para compensar a falta afetiva. Essa foi uma descoberta importante para compor a personagem.

Em um dos ensaios, uma das atrizes, Carolina Haubert, propôs um exercício para investigar a relação das irmãs Antônia e Luzia. A circunstância proposta era a infância delas, passando pela adolescência até a vida adulta. Muitas coisas foram descobertas nesse dia, como por exemplo, a relação das duas na infância, a personalidade de cada uma: a Antônia era super medrosa e introvertida, enquanto Luzia era curiosa e destemida. Na adolescência, Antônia passa a ser mais extrovertida com os garotos e Luzia fica mais acanhada por não se sentir pertencente ao ciclo social onde elas conviviam. Já na vida adulta, se invertem os papéis, pois Antônia se torna muito mais contida e restrita em suas opiniões e ações, já Luzia se torna mais livre, pois não se importa com a opinião das pessoas. É claro que naquele dia essas descobertas ainda estavam superficiais e precisavam ser aprofundadas, fato que se concretizou a partir de novas improvisações, onde foi investigado cada fase da vida das personagens.

Eram através destas improvisações que nasciam as relações interpessoais das personagens. Também surgiam ideias do rumo que a dramaturgia poderia tomar. Para

mim, foi o melhor jeito de criar um espetáculo do zero, pois é por elas que o estudo da peça acontece, é através delas que está a “fé cênica”⁵ do ator.

Portanto, as circunstâncias propostas são uma forma de estimular o ator a agir em cena, é um estudo prático da obra. As circunstâncias ajudam o ator a acreditar e se colocar no lugar do personagem, é um dos caminhos para que ele alcance a veracidade e a sinceridade de suas ações.

3.1. “Se” mágico

Depois que se entende os detalhes e o trabalho com as circunstâncias propostas já estão se concretizando, como solucionar os problemas e realizar os objetivos dessa personagem?

Um dos elementos do sistema das ações psicofísicas, que auxilia na concretização das circunstâncias propostas, é o “se” mágico, ou seja, é a reciprocidade que o ator desenvolve com o personagem. Ele deve se perguntar: “O que eu faria SE tivesse nessa situação?”. Desta forma, começando a se indagar qual a sua atitude perante hoje, aqui, agora e nas presentes circunstâncias. O “se” mágico desperta o ator para a ação, fazendo a imaginação trabalhar ao seu favor.

“As circunstâncias propostas são as coisas pelas quais se realiza a ação, e o “se” é o impulso para a sua realização que vem do próprio ator.” (D’AGOSTINI 2018, p. 91).

É diante dos problemas que surgem, através das proposições das situações/circunstâncias, que o ator começa a agir como se fosse determinada pessoa ou como se estivesse em determinado lugar. Isso se concretiza por meio de uma liberdade de ações, utilizando as suas próprias vivências e se agarrando a sua capacidade de imaginação. O “se” coloca o ator em um estado intuitivo que o ajuda a solucionar essas dificuldades de uma maneira muito mais natural.

⁵ Estado psicofísico que nos possibilita a aceitação espontânea de uma situação e de objetivos alheios como se fossem nossos. Através dessa aceitação que o ator age no lugar da personagem. (Kusnet, 1992. p.11.)

O “se” mágico nos ajuda a entender que toda ação é gerada, interna e externamente pelas circunstâncias propostas. Não existe o “se” sem as circunstâncias propostas e é por elas que se desenvolve a imaginação que se concretiza através da ação.

O livro de Kusnet conta que Stanislavski foi acusado de querer impor uma realidade para o ator como se ele fosse o personagem. Até mesmo Bertold Brecht interroga esse método, mas Kusnet defende seu mestre e diz que se fosse isso, o próprio Stanislavski empregaria o termo “eu sou” e não “se eu fosse” em seu sistema. Termos com grande diferença de significados, ele presume que “...a aceitação simultânea da realidade - *eu, o ator que sou*, e do imaginário - *o personagem que eu, ator, poderia ser.*” KUSNET, 1992, p.38.

É o “se” mágico que ajuda o ator a perceber que é ele em cena vivendo a vida do personagem e não que o ator é o personagem. Isso me fez refletir. Acredito que quando se entende essa diferença, protegemos o ator de ser falso na hora de atuar, ele precisa ter consciência da realidade e é disso que surge a “verdade cênica”⁶.

Reflijo também que foi esse “se” mágico que me ajudou a dar vida a Antônia. É essa empatia de se colocar no lugar da sua personagem e tentar resolver os problemas dela, que a aproxima de você. É a ponte que transforma a personagem em uma criação unicamente minha. Em todas as minhas criações usei essa ferramenta, o que tornou o entendimento desses seres humanos muito mais fácil. Porque você consegue colocar suas próprias camadas dentro da personagem e consegue achar uma justificativa para as suas ações. É isso que os humaniza, na minha opinião.

3.2. Ação

As palavras ação e agir há muito tempo fazem parte da terminologia teatral. A palavra drama em grego significa ação. Nos dicionários consta que a palavra ator significa “agente do ato, o que age”. Como nos lembra Kusnet (1992, p. 13), em outras profissões artísticas, suas nomenclaturas são mais definidas, por exemplo o pintor, é o que pinta, o violinista, o que toca violino, o cantor, o que canta. Já o artista de teatro, não é chamado de “teatralista”, mas sim de “ator” pois é ele quem age. Uma parte da

⁶ Verdade cênica é aquilo que não existe, mas através do ator, dá a entender de que poderia existir. KUSNET. 1992. p.11.

peça teatral não é chamada de “capítulo”, mas sim de ato. E onde quero chegar com todas essas explicações? Quero refletir que o ator é aquele que age, ou seja, o que realiza a ação. E toda a ação precisa ter um objetivo.

Em *Santos e Arcanos*, há uma cena de minha personagem onde ela varre o chão (e lembram que eu disse que ela tem toque de limpeza?), que ocorre logo depois de ter brigado com a sua irmã e justamente por isso, começa a varrer o chão descontroladamente, quase varrendo os pés de sua filha Ludovica⁷. Ocorre que não era um simples gesto de limpar o local, mas sim uma tentativa de varrer as suas mágoas. Havia uma intenção por trás daquela atividade, isso que é ação.

“As atividades no sentido de limpar o chão, lavar os pratos, fumar cachimbo, não são ações físicas, são atividades. [...] Mas a atividade pode se transformar em ação física. Por exemplo, se vocês me colocarem uma pergunta muito embaraçosa [...] eu tenho que ganhar tempo. Começo então a preparar meu cachimbo de maneira muito "sólida". Neste momento vira ação física, porque isto me serve neste momento. Estou realmente muito ocupado em preparar o cachimbo, acender o fogo, assim depois posso responder à pergunta. Vejam a mesma coisa com o cachimbo, que por si só é banal, transformando-a a partir do interior, através da intenção - nesta ponte viva, e a ação física não é mais um gesto.” GROTOWSKI, Festival de Teatro de Santo Arcangelo. Itália, 1998.

Na cena, nós atores, agimos em nome do personagem no qual estamos interpretando, aceitamos as situações e os problemas de sua vida como se fossem nossos. É necessário que o ator consiga agir conforme os objetivos de sua criação, dando sentido a eles, caso contrário, entrará em fetichismo onde brilhar e ser aplaudido é o verdadeiro objetivo. No caso da Antônia, nunca foi a intenção fazer com que o público chorasse ou risse horrores. Era necessário realizar todas as ações de uma forma coerente com a personagem e não porque eu, a atriz Clarissa, achasse que seria a melhor forma de resolver os problemas da Antônia.

Um dos pilares da análise ativa é desenvolver os acontecimentos do espetáculo através das ações. No sistema das ações psicofísicas, consta que cada ação deve ter uma justificativa anterior, bem como precisa ser lógica, coerente e real. Cada uma tem início, meio e fim, e todas as ações precisam ter um propósito e conseqüentemente uma reação e isso precisa ser mostrado. Na cena, o ator não deve se sentar em uma cadeira, só por sentar-se, precisa ter um “porque” e dito isso com questões de objetos

⁷ Há uma superstição popular na qual se varrer os pés, não irá se casar.

cênicos, só haverá uma ação com um determinado objeto, caso for importante para a história. Um ator não pega um objeto em cena por pegar, precisa ter um objetivo e o mesmo causará uma reação.

E como dito anteriormente, o ator precisa estar atento e receptivo às ações de seus parceiros e precisa reagir a elas, pois assim estará dando importância aos acontecimentos da cena e é fundamental nada passar despercebido pelos atores, assim como para o público. A ação precisa ser objetiva e orgânica. Como minha orientadora disse em um ensaio *“as ações levam às transformações”*, o que levarei para a vida, só através das ações conseguimos transformar a cena, nossos personagens e a trama.

Já na sala de ensaio, quando se está criando uma cena ou um personagem, e quando se tem as circunstâncias propostas, é hora de agir, ou seja, partir para a ação pela improvisação. Tendo as ferramentas necessárias, a criação é um sucesso! Quando se tem o corpo disponível e disposto, e começando a agir, a imaginação vem quase que automaticamente. A ação abre portas para o imaginário.

3.3. Imaginação

“A imaginação cria aquilo que é, o que acontece, o que conhecemos; a fantasia, porém, mostra-nos o que não existe, o que realmente jamais existiu nem aconteceu [...] ainda que possa acontecer.” D’Agostini. apud Stanislavski. 2014. p.88.

Em minha caminhada teatral, a imaginação sempre foi um pilar muito importante na hora da criação cênica, acredito que sempre fui uma pessoa com alto teor de imaginação, e não digo isso só no âmbito teatral. A imaginação sempre fez parte da minha vida em todos os contextos e é algo que sempre quis escrever sobre, mal eu sabia que estaria escrevendo sobre isso em meu trabalho de conclusão de curso. Imaginação, na minha concepção, é a possibilidade de criar coisas fora da realidade, é um lugar seguro para mim, um universo que caminha junto com a fantasia. Segundo Stanislavski, a imaginação é uma ferramenta essencial usada pelo ator no processo de criação, juntamente da fantasia que participa ativamente do jogo na hora da criação, servindo de ponte para coisas que não existem, mas com a possibilidade de que um dia possam existir.

“Stanislavski quer para o ator uma imaginação produtiva que se estabeleça, através de um treino sistemático, como uma alavanca que impulsiona a criação, despertando o inconsciente e a intuição, levando-o a ação e, indiretamente, podendo despertar os sentimentos.” D’AGOSTINI. 2018. p.86.

Dito isso, reflito que para esgotar as possibilidades desse imaginário, é necessário um treinamento intenso, assim desbravando todas as camadas desse universo fictício e isso será possível através da improvisação. A imaginação e a improvisação andam lado a lado e uma se sustenta na outra. É claro que tudo isso estou falando na hora da criação teatral. Quando você está no sofá da sua casa e está imaginando alguma coisa, não precisa necessariamente improvisar, a imaginação vem de forma passiva. Porém, se está na sala de ensaio você precisa improvisar para que assim a imaginação surja de modo mais ativo e espontâneo.

Para ativar essa imaginação, o ator deve perguntar “quem, quando, onde, por quê, para quê e como”. Para isso, precisa ter a mente aberta, ágil e sobretudo alerta, seus instintos sensoriais precisam estar ligados, para assim, responder instantaneamente a estímulos através da ação, para poder transformar o jogo em algo muito mais interessante e instigante. Para dar sentido a tudo isso, o ator precisa acreditar naquilo que se está propondo, e não encarar como confronto ou desafio vindo de seus colegas, mas sim no “de acordo” e isso dependerá da sua receptividade. É necessário que o ator deixe que a imaginação o conduza, estando aberto a qualquer situação que possa vir.

Mas como ativar essa imaginação? No livro “*A preparação do ator*”, Stanislavski diz que o primeiro de tudo é que não se deve forçá-la a aparecer, deve-se estimular para que ela venha de forma mais natural e verdadeira. Após, não se deve pensar em algum assunto muito interessante, pense em qualquer coisa banal de sua vida! Mas como fazer isso? Através da ação! Exercícios que partam da ação são os mais eficazes e esse é o terceiro passo, mas não menos importante, que o ator deve fazer! Pegue uma cadeira, algo banal e nada interessante, e brinque com ela, instigue todas as possibilidades de ação com essa cadeira sem se importar se está ficando “superinteressante” para quem está assistindo, caso houver. Deixe rolar, aproveite o aqui e agora e já estará de fato exercitando a sua imaginação e conseqüentemente estará improvisando e quem sabe até mesmo criando uma cena ou uma partitura.

Concluo esse capítulo com a certeza de que não se pode fazer teatro sem imaginação, e que em alguma medida, mesmo que pequena, ela estará lá! Para mim, é quase que inacreditável criar um personagem ou uma obra sem imaginação, pois é dela que nossos personagens nascem e se desenvolvem, é através dela que a criação acontece! É através do nosso corpo, quero dizer, por nossa atuação que damos vida para esse imaginário!

4. CONCLUSÃO

Concluo esse trabalho sabendo o quanto esse processo de criação foi extremamente enriquecedor para meus aprendizados como atriz. Houve um amadurecimento em comparação a todos os trabalhos que já realizei. A experiência de compor a personagem Antônia com improvisação a partir de circunstâncias propostas foi incrível para mim.

Lembrar minha essência e ancestralidade, referenciar aquelas mulheres que fizeram e fazem parte da minha vida, tenho a certeza de que se hoje estou aqui e sou quem sou, é por causa delas. Além disso, relembrar as mulheres que foram esquecidas no passado, para mim, é o que realmente vale a pena. Acredito que essa é a verdadeira essência da arte, quando trazemos tudo aquilo que nos move para a cena. Quando aqueles personagens que fazem parte de nós são mostrados e jamais caem no esquecimento. Toda essa experiência ressoa em minha vida. Assim como minha vida ressoa no trabalho. Digo isso porque não só minhas vivências e referências repercutem na obra, mas intercorrências da minha vida afetaram algumas especificidades do projeto. Tanto coisas positivas quanto negativas ecoaram em *Santos e Arcanos*.

É claro que *Santos e Arcanos* pode – e deve – ser aperfeiçoado, especialmente em relação a subjetividade das personagens, que podem ser mais exploradas. Sobre a minha personagem, creio que pode ser aprimorada sua corporeidade. A direção de algumas cenas pode ser afinada. Além disso, é possível explorar a profundidade a partir de referências teatrais na própria obra, em consequência de quase todas nossas referências serem do audiovisual. Por fim, entendo que a sensação de que podia ser melhor se dá ao curto período de ensaios durante o processo, bem como a necessidade de constante aprimoramento da capacidade de gestão do tempo na sala de ensaio.

Além de técnicas de atuação, aprendi a lidar com imprevistos que foram além de minhas vontades: saber lidar com opiniões contrárias às minhas, não se chatear quando a peça toma um rumo diferente do que eu esperava, tentar manter a ordem e fazer as coisas andarem sem parecer autoritária. Quando paro, refletindo, vejo alguns arrependimentos quanto ao que eu deveria ou não ter feito durante o processo. Opiniões que eu deveria ter exposto, mas não expus por não me sentir à vontade, insegurança com minha própria dramaturgia perante a criação de outros estagiários.

Tudo isso influenciou no meu processo como atriz e na composição da peça. Ainda sinto que a obra não está cem por cento a minha cara.

Sei que esse espetáculo não se encerra por aqui, tenho em mim que é apenas o começo dessa trajetória. O próximo passo é levar o projeto adiante, inscrever em editais e apresentar ele por todo o estado do Rio Grande do Sul e sei o quanto terei uma abordagem mais madura em relação a criação. Quero contratar uma diretora e talvez até uma dramaturga para afinar pequenas coisas no roteiro. Tenho onde me segurar, como nos ensinamentos do mestre Constantin Stanislavski, além dos demais citados aqui neste trabalho, que irão caminhar comigo em meu trabalho como atriz.

No decorrer desse trabalho, foi essencial para mim discutir, analisar e tornar-me consciente das técnicas que usei não só na composição da personagem Antônia, mas na criação da dramaturgia do espetáculo *Santos e Arcanos*.

Concluo sabendo da eficácia do sistema das ações psicofísicas, juntando sua versatilidade com sua eficiência, pode-se criar personagens vivos e aprofundados a partir do próprio ator que o está interpretando. Sem algumas das ferramentas e procedimentos que descrevi ao longo deste trabalho, eu não teria conseguido concretizar esse projeto.

As circunstâncias propostas não existem sem o “se” mágico, que estimula a ação, assim, abrindo portas para o imaginário que está sempre presente. Tudo está interligado. Foi isso que deu vida e todas as camadas psicofísicas que precisávamos para criar e compor as personagens, assim nascendo a obra. Acredito que sem todo o trabalho com as improvisações ficaria algo superficial e nada aprofundado. Fico orgulhosa da história que criamos praticamente do zero e me orgulho dos métodos que usei para isso. Orgulhosa de mim e de minhas colegas que trabalharam duro durante meses para fazer tudo isso acontecer.

Espero que este trabalho contribua de alguma forma para atores que procuram construir personagens a partir de circunstâncias propostas. É com esse trabalho que me despeço da minha amada universidade, juntamente com minha graduação em interpretação teatral, onde deixo minha história ecoada pelos palcos onde já apresentei. Saio com a certeza de que tenho uma ótima caminhada pela frente!



Figura 3 – Luzia, Ludovica, Antônia e Benedita, em cena.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Alma gêmea. Produzida por Walcyr Carrasco. 2006. Disponível em: Globoplay.

ANARCOS PÉRICLES. 3 - Jerzy Grotowski - Sobre o método das ações físicas. Série manifestos teatrais dos velhos nobres. Disponível em: <<https://insurretosfuriososdesgovernados.blogspot.com/2009/01/jerzy-grotowski-sobre-o-mtodo-das-aes.html>>. Acesso em: 9 jan. 2025.

AS HORAS. Direção: Stephen Daldry. Produção: Scott Rudin Productions. Estados Unidos: Scott Rudin Productions, 2002. Disponível em: Paramount Pictures Miramax Films. Acesso em: 15 dez. 2024.

Bogart, Anne. **O livro dos viewpoints: um guia prático para viewpoints e composição/** Anne Bogart, Tina Landau; organização e tradução Sandra Meyer. -1. ed. - São Paulo: Perpesctiva, 2017.

BÖCK, Clarissa. MARTINELLI, Letícia. **Santos e Arcanos: relatório de estágio.** Porto Alegre, 2024.

Coração Fatal; produzido por Léo Mello. Departamento de Arte Dramática; 2023.

Chocolate com pimenta, produzida por Walcyr Carrasco. 2003. Disponível em: Globoplay.

D'Agostini, Nair. **Stanislavski e o método de análise ativa: a criação do diretor e do ator.** 1° ed. - São Paulo: Perspectiva, 2018.

Dozza, Calisa Barão. **Composição Instantânea no Processo de Atuação.** - 2019. 45 f. Orientadora: Patrícia Leonardelli.

Kusnet, Eugênio. **Ator e método.** 4° ed. - São Paulo-Rio de Janeiro: Hucitec, 1992.

LORCA, Frederico Garcia. **A Casa de Bernarda Alba.** 1936.

MARCOLINO, Rafaela; ROSSETO, Robson. **IMPLICAÇÕES DA IMPROVISAÇÃO NO TEATRO: PROCEDIMENTOS E RECEPÇÃO**. O MOSAICO. Curitiba. n. 11; p.64-77; ago./dez.2014.

O profeta. Dirigida por Mário Márcio Bandarra. 2006. Disponível em: Globoplay.

Stanislavski, Constantin. **A construção da personagem**; tradução de Pontes de Paula Lima. - 31° ed. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

Stanislavski, Constantin. **A preparação do ator**; tradução de Pontes de Paula Lima. - 31° ed. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

Stanislavski, Constantin. **Obras completas**, v. 2, Moscou Iskústvo, 1954.

TEATRO ESCOLA MACUNAÍMA. **Por que a potência do sistema Stanislávski?** - BLOG DO TEATRO ESCOLA MACUNAÍMA. Disponível em: <<https://www.blog.macunaima.com.br/por-que-a-potencia-do-sistema-stanislavski/>>. Acesso em: 26 dez. 2024.

Zaltron, Michele Almeida. **Stanislavski e o trabalho do ator sobre si mesmo** / Michele Almeida Zaltron. - São Paulo: Perspectiva: claps - Centro Latino - Americano de Pesquisa Stanislavski, 2021 - (claps; 4)

6. ROTEIRO DE SANTOS E ARCANOS

SANTOS E ARCANOS

Personagens:

Antônia

Clarissa Böck

Luzia

Letícia Martinelli

Benedita

Carolina Haubert

Ludovica

Laura Fensterseifer

CENA 1 – Infância

Cena - Infância de Luzia e Antônia

Luzia e Antônia, ainda crianças, entram no palco brincando de “mão”. Antônia implica ao perder, demonstrando sua teimosia.

Luzia encontra um baralho de cartas, que mostra para Antônia. As duas se divertem, mas Antônia demonstra receio. Recuperando a seriedade, Antônia sugere

brincarem de “viuvinha”. Luzia vai para o centro do palco, mas, na hora de “casar”, se recusa a levantar.

Antônia se senta e começa a rezar, enquanto Luzia finge rezar para implicar. Logo, a brincadeira se transforma em mais provocações, e as duas voltam a “se bater” com as mãos. Luzia machuca a mão de Antônia e, para distraí-la, começa a “ler” a mão da irmã.

Mudança de luz e música marcam a passagem do tempo. Antônia, agora adulta, retira objetos infantis do palco. Luzia volta, também adulta, e a porta se fecha bruscamente atrás dela. As duas se encaram, se colocam uma de frente para a outra e tiram suas camisolas.

Luzia pega suas coisas para ir embora. No caminho, para e lança um olhar de convite para Antônia, que hesita e recua.

Cena - Separação e a Chegada dos Bebês.

Antônia sai de cena e retorna com um bebê nos braços, sorridente. Logo depois, Luzia entra com um bebê, mas demonstra preocupação. Ambas saem pela porta.

Mudança de luz e música.

Cena - Ludovica e Benedita Crianças.

Ludovica e Benedita aparecem brincando. Antônia entra com materiais de costura e chama as meninas para aprenderem. Benedita vai até a mãe, mas Ludovica fica com Luzia, pegando um livro escondido por cima da cerca.

O tempo passa. Antônia boceja e chama as meninas para dormir. Todas saem.

CENA 2 - Solilóquio da cartomante

Mesa já está no palco, música misteriosa.

Luzia (*em pé, segurando um baralho de cartas*): “Nada nem ninguém pode revelar mais do que uma carta, seja ela qual for. Existem cartas que revelam uma paixão, as que destroem um vínculo e até mesmo as que traçam destinos.

Destinos esses que podem ser luminosos, feitos de glórias e conquistas, ou sombrios, carregados de mistérios e desencontros. Uma carta pode ser um espelho do que somos ou do que tememos ser. Pode ser uma estrada aberta, sem curvas, ou um labirinto sem fim.

Mas cada uma delas guarda um segredo, um reflexo, uma esperança... ou um aviso. Quando o coração está acelerado, ansioso pelo futuro, basta uma carta para acalmar. E quando os pensamentos estão cheios de dúvidas, uma única virada pode trazer a resposta que tanto buscamos... ou confundir ainda mais.

E o que dizer das cartas que nunca foram viradas? Dos destinos que ficaram presos, esperando por uma mão que nunca chegou? Elas ficam lá, adormecidas, esperando a coragem de alguém que se atreva a desafiar o desconhecido.

Mas quem possui tanto poder? As cartas, ou quem as têm em mãos?

Ah, que coisa chata! Não aguento mais essa ideia de que cartomantes são misteriosas e enigmáticas”.

Vai até o rádio e troca de estação, começa a tocar escrito nas estrelas instrumental. Luzia dança com ela mesma.

Luzia (*continua*): “Ah, assim está melhor! Enfim, sei que vocês gostam de um belo jogo de cartas, têm medo de fazer suas próprias escolhas e principalmente medo do futuro. Mas se escutam algo que não querem aí já querem tacar fogo na casa da cartomante e sair por aí gritando que é coisa do demônio. Mas o que vocês precisam entender é que as cartas não devem nada a vocês”.

CENA 3 - Apresentando Antônia

Antônia entra em cena e muda de música

Luzia: Quem ousa atrapalhar meu solilóquio?

Luzia: Ah é a Antônia.

Luzia: Essa é minha irmã, Antônia. Vive esperando pelo marido e rezando pelo futuro de suas filhas, como se o destino fosse algo a ser encomendado pela fé. Mas sabe... até o tarot já me mostrou uns sinais de impaciência nela, algo que anda crescendo por trás dessa máscara resignada. O curioso é que ultimamente a carta da Torre vive aparecendo quando penso nela... não que eu pense tanto assim. Talvez seja a vida finalmente embaralhando as cartas dela. Ah, vai chegar um telegrama.

Carta é jogada. Música baixa o volume, Antônia lê o bilhete que aparece no ciclorama.

Antônia: Ah, um telegrama do Francisco.

18/10/1935 - Porto Alegre

Minha querida Antônia

Só Deus sabe o quanto tenho sofrido de saudades de você nos últimos tempos. Passo os dias no trabalho pensando quando poderei vê-la. Uma boa esposa não entende, realmente as dificuldades laborais do serviço, e por isso, mantém o lar aconchegante para a volta do esposo. (comenta com o público seu talento para a limpeza) Sei que está criando nossas filhas com graça e prudência para que elas tenham um casamento e família louváveis. Eu sei o quanto você compreende a importância de elas não percorrerem o destino maligno de sua própria irmã. Espero em breve verte novamente meu amor, (começa a desanimar) pois hoje não será possível retornar para casa.

Antônia: Bom, ele com certeza tem um ótimo motivo pra não voltar para casa hoje. Como é bom ter um marido tão trabalhador quanto o meu, são poucas mulheres que podem dizer o mesmo de seus maridos hoje em dia. *(pausa)*.

Antônia: Ah como sou uma mulher sortuda! *(guardando a carta)*.

Música volta a ficar alta e Antônia vai guardar o telegrama e outros vários caem, ouve as filhas chegando e toma consciência de si, música baixa e as meninas chegam.

Ludovica: Mãe! Ouvimos alguém bater na porta, o que era?

Antônia: Olá minhas meninas, não era nada! Era só um telegrama do seu pai dizendo que vai se atrasar para o jantar, nada demais.

Benedita: *(suspira)* E pelo que vejo, ele também escreveu um poema de amor! Como sempre ele é tão romântico! *(Antônia mostra orgulhosa pra Benedita).*

Ludovica *(revirando os olhos):* Imagina se não fosse...

Antônia *(desconversa):* Bom, mas não vamos falar disso! Fiz um bolinho para o café da manhã, comam!

Ludovica e Benedita falam juntas: Tenho novidades!

Ludovica: Eu primeiro, pois sou a mais velha!

Benedita: Só por dois minutos!!! *(fala em tom de protesto).*

Ludovica: Então, finalmente recebi minha carta de aprovação para a faculdade!!!

Antônia: Vejo que ainda segue com essa ideia de estudar... bom então sendo assim, ei de dar-te todo o meu apoio! Mas não se esqueça que ainda seu pai precisa autorizar!

Ludovica: Eu sei, mas vou convencê-lo a assinar a autorização.

Benedita: Agora eu. Estou tão feliz, porque estou cada dia mais próxima de conquistar seu Gonzales!

Antônia: Não esperava menos de você, minha filha! Tenho certeza de que já o conquistou.

Ludovica: É sério que essa é a sua novidade, Benedita?

Benedita: Sim? Só porque você cisma com essa ideia de não se casar, eu também não posso?

Ludovica: Pode né, mas acho que você devia ter um propósito maior na vida, como estudar e fazer alguma coisa por você e não o que esperam que você faça!

Benedita: E que propósito maior seria, se não casar e formar uma família? Olha, veja bem, não estou a fim de ouvir suas críticas, então fica na sua!

Antônia: Por favor, não comecem a brigar! Comam o bolo que está quentinho!

Ludovica: Na verdade, já estou de saída, mãe. Agora estou escrevendo para o jornal e preciso fazer uma redação sobre a importância das mulheres estudarem política.

Antônia: Nunca vi fundamento nesse jornal, só serve para colocar “ideias feministas” na cabeça das jovens.

Ludovica: Você sabia que muitas mulheres se interessam por esse tema? Inclusive vou agora ao encontro de um grupo de estudos na praça XV.

Antônia: Não acho apropriado para uma dama ficar na praça igual uma teatina.

Ludovica: Estamos indo lá para debater e estudar e não para vagabundear.

Benedita: Desde quando você tem amigos? *(fala com deboche)*.

Ludovica: Elas não são bem minhas amigas, mas pelo menos temos algo em comum...

Antônia: Se seu pai descobre o que você anda fazendo, não sei nem o que ele é capaz de fazer! Mas pelo menos fico feliz que você não está mais sozinha!

Ludovica: O pai não vai saber se vocês não contarem.

Benedita: Por mais que eu não ache apropriado, não é educado fazer fofocas.

Antônia: Ai ai ai, não gosto nada disso!

Ludovica: Por favor mamãe não conte nada para o pai. Depois conversamos, ok? Olha só esse Santo, parece que está com o olhar atravessado hoje. Bom, preciso ir! *(saí apressada)*.

Antônia: Ludovica espera! Ludo... viu só? Valha-me Deus... Essa menina só me dá preocupação.

Toca no rádio uma notícia ruim sobre uma cartomante.

Antônia: Viu só? São esses os exemplos de mulheres (cochichando) - como a sua tia - que a Ludovica segue.

CENA 4 - Benedita iludida

Benedita: Ah deixa ela pra lá mamãe. Temos coisas mais importantes para conversar, eu não quis falar na frente dela, mas seu Gonzales me deu um presente!

Antônia: Um presente minha filha?!?! Acho que ele realmente tem boas intenções, mas também quem não há de querer uma menina dessas linda e prestativa como você? *(Benedita orgulhosa de si enquanto a mãe fala)* Mas o que ele te deu?

Benedita: Olha mamãe, um par de luvas. Não é do melhor tecido, mas já deixa a invejar as moças da cidade.

Antônia: Mas que bom gosto ele tem! Será que seu pai vai gostar que ele te dê presentes assim sem nem ter pedido a sua mão?

Benedita: Estou com um bom pressentimento, ele disse que logo quer conhecer o papai.

Antônia: Que notícia maravilhosa! Podemos fazer um jantar bem caprichado para ele.

Benedita: Ah estou tão ansiosa que já comecei até mesmo os preparativos para o casamento, veja só que lindo que está ficando o meu vestido de noiva!

Antônia: Está realmente lindo minha filha, mostra ele para o público! (*Benedita mostra toda orgulhosa*) Mas não vamos nos afobar, precisamos agora pensar no que servir no jantar.

Benedita: (*ainda sonhando*) Ah, não vejo a hora de termos a nossa família, ser uma dona de casa como você, ganhar vestidos e preparar bolos.

Antônia: Falando em bolo, você nem tocou no seu pedaço!

Benedita: Muito obrigada mamãe, mas não, agora que estou prestes a me casar preciso cuidar da minha aparência pois seu Gonzales disse que eu estou um pouco mais inchada do que quando nos conhecemos

Antônia: Tome cuidado minha filha, você precisa estar saudável para seu casamento, não quero ver você caindo por aí.

Benedita: Se eu tiver de cair seu Gonzales há de me segurar. (*para o público*) Enfim, pequenos sacrifícios que nós mulheres temos que fazer.

Antônia: Bem, eu preciso sair agora...tenho que ir... é...em lugar, enfim, faz o almoço por favor!

Benedita: Ta bom, mamãe, pode ir... (*curiosa*)

Fica em cena costurando o vestido.

CENA 5 - Visita da Ludovica

Luzia pega uma vassoura encostada e começa a varrer despreocupadamente, com movimentos exagerados, como se imitasse a irmã.

Luzia: Querida Antônia, sei que sou um incômodo, mas você também não é exatamente uma bênção para mim. Então, estamos quites.”

Luzia (continua): Antônia, as cartas são um mistério fascinante, não são? Veja o Eremita, por exemplo: ensina que é na solidão que se encontra a verdadeira luz. Talvez seja isso que você minha querida irmã, esteja buscando, perdida em sua comunhão com as vassouras... Porque com o Francisco é que não é. Cada varrida, um passo rumo à iluminação. Quem sabe, um dia, você não encontre a verdade sob o tapete que tanto limpa?

Luzia ri sozinha, com um tom de ironia, antes de ser interrompida por Ludovica, que entra ofegante e cheia de entusiasmo.

Ludovica: Tia Lu!!! Tenho uma coisa pra te mostrar!

Ludovica fala com as mãos cheias de panfletos.

Luzia: Ah, Ludovica! O que você está aprontando agora?

Ludovica: Nada demais...

Ludovica faz uma pausa dramática, fingindo inocência enquanto vira a cabeça, tentando disfarçar seu entusiasmo.

Ludovica: (*virando a cabeça de volta para a sua tia*) Eu vou espalhar panfletos pelo centro a favor do voto feminino e mostrar para várias mulheres a luta feminista.

Luzia: Ah, então é isso! A pequena rebelde agora quer mobilizar a cidade inteira? Você sabe que sua mãe vai ter um ataque de nervos, não sabe? Daqui a

pouco vem aqui de novo me acusar de te colocar em caminhos sinuosos e querer te tornar uma cartomante.

Luzia levanta uma sobrancelha, se divertindo com a ideia, mas com um tom de advertência.

Ludovica: E daí? Eu poderia também ser uma cartomante, assim eu poderia ser totalmente livre.

Ela cruza os braços com determinação.

Luzia: Acho que você não sabe muito bem o que significa ser uma cartomante.

Ludovica: Essa é a hora, Tia! As mulheres estão abrindo os olhos, saindo das sombras... Por que eu teria medo? Não dá mais pra ficar calada!

Luzia: Calma, calma! Eu gosto desse fogo, mas você sabe que mexer com a cabeça de algumas pessoas é como mexer em vespeiro.

Luzia inclina-se para frente, como quem vai contar um segredo.

Luzia: Você tá preparada para enfrentar mais que só palavras duras?

Ludovica: Mais do que preparada!

Ela abre o envelope e espalha os panfletos sobre a mesa.

Ludovica: Olha só! Panfletos diretos, sem enrolação, falando do nosso direito de voto, de voz, de escolha!

Luzia pega um dos panfletos e lê com calma, enquanto Ludovica observa ansiosa.

Luzia: Hm... até que você tá ficando boa nisso. *Ela olha Ludovica com orgulho disfarçado.*

Luzia: Mas me diga uma coisa, Ludovica por que tanto empenho? Quer brigar pelo mundo ou está brigando por você mesma?

Ludovica hesita, pega um panfleto e o segura com força.

Ludovica: Pelos dois, tia... pelos dois. *Ela faz uma pausa e depois confessa, com mais sinceridade.*

Ludovica: Eu não vou conseguir entrar na faculdade sem a assinatura do papai. E... eu não sei o que mais posso fazer.

Ludovica: Você lembra tia quando você saiu no jornal por ensinar mulheres a lerem? Quando você fez uma passeata a favor do divórcio e disse que estava lutando pela mamãe. Ou quando foi presa por...

Luzia: Não.

Ludovica: (cola seu cartaz bem no meio) Viu tia, também quero ter minhas próprias lutas, mudar um pouco o jeito que as pessoas enxergam o mundo.

Ludovica: O que eram essas coisas mesmo?

Luzia: Minhas runas que estavam secando.

Luzia: Bom, acredito que você não vai lutar pelo progresso assim **(apontando para a saia)**.

Ludovica: Claro que não, isso é só um disfarce para a mamãe e a Benedita, vou com a calça que você me ajudou a fazer.

Luzia: Hum... até que eu costuro bem.

Ludovica: Eu sabia que a senhora iria me entender, Tia! Eu já consigo ver a cara de choque das pessoas quando lerem isso. Vai ser o máximo! *Ela ri, vibrante.*

Luzia: Só não vá achar que vai ser fácil. *Ela levanta uma carta de tarô que tinha virado na mesa – a carta da Torre.*

Luzia: Às vezes, pra construir algo novo, é preciso destruir o que já está em pé. Só esteja pronta para o que isso pode significar.

Ludovica: Não importa o que vier... Eu vou enfrentar! *Ela se levanta com força, decidida a sair para espalhar os panfletos.*

Luzia: Espalhe seu fogo, Ludovica. Só não se queime no caminho.

Ludovica sai correndo da sala com seus panfletos

Luzia: Essa menina só me dá orgulho.

CENA 6 - Visita da Antônia

Luzia: O verdadeiro benefício de ser cartomante — além de irritar parentes, claro — é que sabemos o que está por vir. Ah, como é bom estar sempre um passo à frente! Enquanto os outros tropeçam no escuro, nós já temos o mapa em mãos. Veja só, com as cartas, dá até pra prever quem vai tentar nos surpreender...

Luzia: A Rainha de Espadas! Claramente um aviso de que alguém...

Antônia surge repentinamente pelos fundos da casa. Luzia, distraída, leva um susto tão grande que derruba algumas cartas no chão.

Luzia: Mas que diabos, Antônia?! Não podia bater na porta como uma cristã normal?

Luzia começa a catar as cartas do chão, resmungando baixinho enquanto encara a irmã com indignação teatral.

Antônia: Luzia!

Luzia: Antônia! Já disse que não vou perguntar para as cartas que horas o Francisco chegará para jantar!

Antônia: Não é nada disso... mas como você (*pausa*) Eu ando tão preocupada com você! Aqui sozinha...

Luzia: Preocupada comigo, Antônia? Como eu estaria sozinha? Tenho minhas plantas, minhas cartas, além do mais, essas cartas atraem muita gente.

Antônia: Ah sim madame luzia... Grande companhia! Um bando de desocupado que gasta o dinheiro à toa. Bom, eu trouxe seu bolo preferido, o de milho

Luzia: Agora é o bolo preferido do Francisco.

Antônia: Não comece com essa implicância! Você sabe que o Francisco só quer o melhor para a nossa família.

Luzia: E pelo visto eu atrapalho esse lindo sonho dele de família feliz, se é que são realmente felizes.

Antônia: Claro que somos! Temos nossas desavenças, mas...

Luzia: Pois não deveriam ter, não é mesmo? Vamos, fala logo sua preocupação talvez as cartas possam te ajudar.

Antônia: Cartas?? Eu e minha família não somos imorais, já pensou se o padre descobre?

Luzia: Você e essa sua moralidade...

Antônia: Você sabe que eu não gosto dessas heresias. *(hesita um pouco, mas acaba tirando uma carta).*

Luzia: *(tom de deboche)* Acho que você deveria prestar mais atenção no seu harmonioso lar, as cartas revelam grandes provações se aproximando.

Antônia: Ah então Benedita conseguirá a aprovação de seu pai para seu casamento! Ou será que seria a aprovação da Ludovica na faculdade? *(Luzia revira os olhos).* O que mais diz aí nessas cartas?

Luzia: *(indica as cartas com as mãos)* Retire três. *(Antônia retira três cartas)* Invejas e intrigas, suas filhas andam bem?

Antônia: Melhor impossível, se amam tanto aquelas duas! (*Um pouco mais desconfortável*)

Luzia: Eu não diria que tanto assim... Mas uma distância...

Antônia: Da Ludovica com certeza.

Luzia: Vejo uma distância planejada, ficando cada vez maior e prestes a se tornar irreversível, humilhando a todos, destruindo um lar e acabando com uma família inteira.

Antônia: Para!!! Minha família está mais unida do que nunca e você sua invejosa, vive tentando plantar discórdia e intrigas. Sua CHARLATÃ! Foi um erro eu ter vindo aqui. Passar bem!

Luzia encara o bolo, o pega e sente seu cheiro e depois joga no morro de bolos.

CENA 7 - Visita da Benedita

Luzia: Mas que má sorte! Não há nem tempo de se limpar as energias e já sinto uma ainda mais pesada chegando!

Luzia: Se não tens medo do futuro...então abra a porte e encare a sorte! Se tiveres medo... ainda há tempo de fugir.

Escuta-se bater na porta

Benedita: Ah, olá! Eu estava de saída, mas a porta se abriu sozinha.

Luzia: Então a sorte te convidou a entrar. Diga-me, qual é o seu nome?

Benedita: É...Carolina...

Luzia: Hm, você não me transmite uma energia de Carolina, mas é algo que depois podemos resolver com a numerologia.

Benedita: Bom, então Madame Luzia (com desdém), algumas moças me falaram que você pode prever o futuro com muita precisão.

Luzia: Também desfaço amarrações, faço rituais de proteção, quiromancia, trago seu amor em três dias!...se ele for de Porto Alegre.

Benedita: Não preciso disso, meu amor já está caidinho por mim.

Luzia: Impossível!... impossível ele ser de Porto Alegre. Vejo que seu amor vem de algum lugar mais distante.

Benedita: É verdade, seu Gonzales é de Nova Santa Rita.

Luzia: Então... para você será só o futuro mesmo?

Benedita: Olha, heresias não prendem minha atenção por muito tempo, então por favor, vamos logo com isso! *(sempre aflita e se movimentando de forma espiada enquanto tapa o rosto com um pano)*

Luzia: E o que anda lhe afligindo a alma?

Benedita: *(apaixonada)* Bom, tenho um belo pretendente. Na verdade, eu diria que ele é bem mais que um pretendente, ele é alto, de boa família e...

Luzia: Histórias bobas de adolescentes emocionadas também não prendem minha atenção por muito tempo.

Benedita: *(se ajeita)* Resumindo, quero saber quando ele pedirá minha mão, pois preciso marcar logo a data já que a igreja é muito concorrida *(fala pra si)* apesar de que meu pai é privilegiado por lá. *(voltando a exteriorizar)* Bem, apenas não quero

que essas moças de casamentos não são tão dignos e apaixonados quanto o meu lotem a agenda impedindo que eu me case daqui 2 meses.

Luzia: 2 meses?!? E sua mãe já está sabendo disso?

Benedita: Mas é claro que sim. *(percebe que Luzia a reconheceu)* Mas o que minha mãe tem com isso? Quem vai casar sou eu, por que quer saber de minha mãe? Até parece que a conhece *(agindo de forma afetada e tapando o rosto)*.

Luzia: É bem provável que eu a conheça, pode ser que ela até já tenha vindo se consultar.

Benedita: Acho muito difícil, ela odeia essas heresias... *(olha o bolo em cima da mesa)*.

Luzia: Mas então menina, por que não tira uma carta? *(fala em latim como se fosse uma reza)*.

Benedita: Pare com isso! Você não é santo para falar em latim!

Benedita tira uma carta.

Luzia: Vamos logo! Não aceito que tenham nojo das minhas cartas!

Luzia: Hm. Três pessoas estão envolvidas nesse seu relacionamento.

Benedita: Ah deve ser algum filho a caminho logo no início do casamento! Que maravilha!

Luzia: Ah que casa incrível será a sua! Vejo uma mesa farta com muitos bolos! Que você passará o dia fazendo! Muitos e muitos vestidos lindos que nem cabem no guarda roupa e que você deverá lavar à mão um por um!

Benedita: *(finge animação)* Claro, claro, esse é meu dever como esposa!

Luzia: E seu casamento! Será muito lindo, os céus até derramarão a maior quantidade de água do ano de tanta emoção!

Benedita: São Pedro não deixaria isso acontecer!

Luzia: E o bolo delicioso de sua mãe... que irá abatumar...

Benedita: O que?? Não pode ser!

Luzia: É realmente uma pena que você tenha que entrar sozinha no altar pela falta de seu pai.

Benedita: Como assim, o que vai acontecer com o papai?

Luzia: Não se preocupe com isso agora querida, creio que você deva se preocupar mais com o seu vestido.

Benedita: O meu vestido?!? O que tem o meu vestido?!?

Luzia: Há de acontecer algo terrível, pode ser que ele não lhe caiba.

Benedita: Como você ousa dizer uma coisa dessas? É óbvio que ele irá caber! E além disso meu casamento será muito bem-sucedido... sua... sua... invejosa! Meretriz!

Luzia: Eu sou uma meretriz Benedita?

Benedita: Não ficarei mais aqui ouvindo suas barbaridades! GRR DESGRAÇADA!!!

CENA 8 - São só bobagens

Ludovica está sentada de forma não elegante na sala de jantar da família lendo um livro. Antônia entra em cena perturbada.

Ludovica: Aconteceu alguma coisa, mamãe?

Antônia: Nada a se preocupar minha filha, são só bobagens. Mas não vamos falar de mim, vamos falar de você. O que você está lendo?

Ludovica: Ah você não vai entender.

Antônia: Por que eu não entenderia minha filha? Eu sei muita coisa sobre a vida.

Ludovica: Não mamãe, esse é o problema. Você pensa que sabe muita coisa mas na verdade está vivendo em uma bolha dentro dessa casa, você sempre fez o que todos queriam mas nunca seguiu seus sonhos.

Antônia: Como assim não segui meus sonhos? Realizei tudo que queria na vida.

Ludovica: Realizou o que mãe? Ter filhos, um marido e uma casa pra cuidar? Viver para servir enquanto espera ansiosamente por alguma atenção do marido? Eu quero mais mamãe, eu quero mais que isso. Quero poder ir para a faculdade e poder decidir meu próprio destino. Você sabia que as mulheres estão se reunindo para poder reivindicar o voto feminino? Na Inglaterra elas até já podem votar, não é lindo que a gente escreva nosso próprio destino?

Antônia: Mas minha filha, será que essa coisa de faculdade não é muito aventureira? E que loucura é essa de nós mulheres podermos votar? Já temos tantas preocupações, não precisamos de mais, deixe isso para os homens!

Ludovica: Viu só mãe, você não entende! Eu quero lutar pelo direito das mulheres de manifestar suas vontades. Você não tem nenhuma vontade?

Antônia: É claro que tenho! Quero que a roupa seque logo antes que comece a chover.

Ludovica: (revirando os olhos) Elas já secaram mamãe, já até as recolhi. Por que você se preocupa tanto com a casa ao invés de se preocupar um pouco com você? Quando foi que você fez alguma coisa que você gostasse?

Antônia: ...

Ludovica: Foi o que pensei, por isso quero mudar essa sua realidade. *(olha no relógio e organiza os cartazes)*

Ludovica apresenta um livro de uma feminista para sua mãe.

Antônia: Olha Santo Antônio com essa cara, parece que está reavaliando se vai deixar a gente entrar lá em cima (aponta para o céu)

CENA 9 - Missa

(Chega Antônia com as duas filhas na missa)

Antônia: Ave Maria cheia de graça senhor é convosco bendita seja sua voz entre as mulheres. Por favor proteja minhas filhas, que elas sempre estejam no caminho do bem, que a senhora coloque no caminho da Ludovica um homem muito bom que não a deixe ser desvirtuada pela mente de mulheres indecentes como a minha irmã, que a Ludo seja tomada por muitas graças assim como sua irmã Benedita, tão bem arranjada por você.

Ludovica: Eu precisava ter vindo mesmo?

Antônia: Mas é claro que sim, é um lugar que boas moças e bons partidos frequentam! Quem sabe aqui conseguimos um pra você!

Ludovica: Urghhh (revira os olhos) você sabe que eu não quero me casar!

Antonia: Espero que Deus não te ouça!

Benedita: O que a família Santos faz aqui?

Antônia: São uma vergonha pra igreja... soube que a filha caçula deles engravidou solteira. Um escândalo. Deviam ter sido expulsos daqui.

Benedita: É realmente um sacrilégio! *(faz ânsia)*.

Ludovica: Nossa quanta maldade vocês hein...

Antônia: Pss. Vai começar! *(toca som de uma missa em latim. após um tempo fala pra Ludovica)* Viu isso aí, é pra você que está cada dia se afastando mais de Deus... *(Ludovica balança a cabeça)*.

Ludovica: Ai não tenho mais saco pra isso... vou terminar meu crochê. *(Saí)*.

(Enquanto isso Benedita dá indícios de que não está bem)

Antônia: Ludovica, volta aqui! *(fica olhando a Ludovica saindo e quando vira pra Benedita ela já não está mais ali)*.

CENA 10 - Um bolo por cima do muro

Antônia sai de cena e volta com um pedaço de bolo na mão. Chama a Luzia através da "cerca" e lhe dá um pedaço de bolo.

Luzia: O que foi Antônia?

Antônia: Eu... fiz um bolo e lembrei de você.

Luzia: Lembrou de mim? Que estranho...

Antônia: Coloquei calda de chocolate extra...

Luzia: hum, e veneno também? Jogou no chão, cuspiu e agora quer que eu coma?

Antônia: Isso é o que VOCÊ faria.

Luzia pega o bolo.

Luzia: Era isso?

Antônia: Bom apetite!

Luzia faz menção de sair.

Antônia: Você não vai perguntar como ela tá?

Luzia: Ela quem?

Antônia: Você sabe quem.

Luzia: Eu sei?

Pausa.

Antônia: Ela ta muito bem encaminhada e acho que muito em breve irá se casar, estou tirando da cabeça dela as caraminholas que você coloca como ideias de faculdade.

Luzia: Bom pra ela. Sei que teve todos os cuidados necessários.

Antônia: Teve sim. Dediquei toda a minha vida aos cuidados dela...enquanto você...

Luzia: eu o que?

Antônia: Ficou aí brincando com essas cartinhas.

Luzia: ah vai começar com as cartas de novo. Qual o problema Antônia? já fazem décadas, não supera? E você aí com esse terço?

Antônia: Não blasfeme em vão!

Luzia: Vá Antônia. Não me incomode na minha casa que tenho muitos clientes pra receber. Vá cuidar das suas filhas.

Antônia: Eu vou sim. vou fazer o que eu mais sei fazer de melhor! Enquanto você se isentou dessa tarefa. Mas mãe é quem cria, não é mesmo?

Luzia: Então as coitadas não têm pai...

Antônia: SUA... GHRRR.

Antônia grita e sai esbravejando.

CENA 11 - Briga das filhas

Ludovica entra em cena cheia de cartazes e dá para o público. (som de borburinho de manifestação ao fundo) (fala para o público).

Ludovica: Direito pelo voto feminino já! Nós também temos direitos!

Benedita entra e costura seu vestido, enquanto isso, ouve-se sirenes e Ludovica volta correndo para casa.

Benedita: Meu Deus, o que é isso que você tem nas mãos?

Ludovica: Não é nada.

Benedita: Como assim não é nada Ludovica? São cartazes da manifestação. Você virou uma vândala mesmo!

Ludovica: Eu não acredito que estou ouvindo isso, eu estou lutando pelos NOSSOS direitos.

Benedita: Que direito Ludovica? Você fica aí pela rua vadiando o dia inteiro enquanto eu e a mamãe ficamos aqui nessa casa pensando no futuro da nossa família, você sempre teve tudo nas mãos e nunca precisou pensar em nada por isso se transformou nessa vagabunda igual nossa tia!

Ludovica arranca o vestido das mãos de Benedita e ameaça cortar com a boca.

Ludovica: Repete o que você falou Benedita! Repete!

Antônia: Meu Deus, que gritaria é essa?!?!

Benedita: Mamãe olha o que essa patifa está tentando fazer! Ela quer cortar o meu vestido e arruinar o meu noivado.

Ludovica: Se eu arruinasse o seu noivado você deveria me agradecer por fazer esse grande favor.

Antônia: Por favor, não fale bobagens Ludovica, por que quer fazer isso com o vestido de sua irmã?

Ludovica: Porque vocês nunca me apoiam em nada. Ficam só me criticando...

Antônia: Mas Ludovica você também não apoia sua irmã. Basta de vocês duas brigando. Vocês deveriam apoiar as escolhas uma da outra, mesmo que pessoalmente não seja a escolha que vocês fariam. *(pausa. quase que desmontando)* Não veem eu e a Luzia que quase não nos falamos mais. Não quero que isso aconteça com vocês. Por favor, por mim, façam as pazes. Agora!

Benedita: Mamãe como sempre está certa. *(vira pra Ludovica e a estende a mão)* Só to fazendo isso pela mamãe, ok? Prometo que não te chamo mais de vagabunda da praça xv.

(Ludovica hesita)

Antônia: Por favor, minha filha. Já temos problemas demais nessa casa. Chega dessas picuinhas...

Ludovica: Ta bom, ok. *(estende o braço pra Benedita a contragosto)*. Prometo que não te chamo de capacho de homem. *(apertam as mãos)*

Antônia: Conforta meu coração ver as duas fazendo as pazes, pelo menos uma coisa boa! *(fica fazendo alguma coisa em silêncio)*. O impacto das escolhas pessoais e a força do vínculo que une as irmãs, mesmo quando o destino parece separá-las.

Ludovica: Você tá bem, mãe? parece preocupada...

Antônia: São bobagens só minha filha. *(pensativa)*

Ludovica: É o pai não, é? *(Antônia fica em silêncio)*

Benedita: *(com preocupação na voz)* Papai daria tudo por nós, mamãe... tenho certeza que essa ausência dele é só muita demanda do trabalho... ainda mais que agora ele cuida dos fundos da igreja!

Antônia: Pois então, seu pai sempre quer abraçar o mundo e acaba se sobrecarregando.

Ludovica: Vocês estão falando do mesmo meu pai que eu? Em que mundo vocês vivem? Ele nunca deu a mínima pra nós *(fala com desdém como se tivesse cuspiendo as palavras)* e sim pra honra de ser provedor da família.

Antônia: Mais respeito com o seu pai, mocinha.

Ludovica: Mas mãe, você não percebe que ele está te fazendo sofrer com essa ausência?

Antônia: É só uma fase ruim, tenho certeza que vai passar. *(sai de cena com o choro engasgado)*

(Longa pausa, meninas ficam aflitas olhando para o horizonte)

Benedita: *(suspira)* Será que o papai vai nos deixar, Ludovica?

Ludovica: Acho que ele já nos deixou a muito tempo, sabe Bene... faz tanto tempo que ele chega tarde em casa, sai cedo pela manhã. Tô achando tudo isso muito estranho.

Benedita: Seria nossa decadência Ludovica.

Ludovica: Não pense desse jeito minha irmã, do que adianta uma presença ausente? Daremos um jeito.

Benedita: Eu to com medo. Se algo do tipo acontecesse, a mamãe iria ficar desolada, sem falar que o meu casamento estaria arruinado, quem iria se casar com uma menina sem pai?

Ludovica: Se o seu Gonzales gostar mesmo de você, isso não será um empecilho.

Benedita: Alguém tem que garantir meu futuro e a velhice da mamãe.

Ludovica: Temos que pensar em alguma coisa...(pensativa) já sei! Já que estou trabalhando pro jornal, posso usar o dinheiro que ganho para ajudar a pagar as contas... e... e você costura, pode vender os vestidos que faz!

Benedita: É uma ótima ideia Ludo, mas num mundo utópico! Até conseguimos pagar as contas, mas viveremos miseravelmente... eu não quero isso pra mim! Quero ter uma casa grande, com criados, frequentar os melhores cafés da cidade e tudo isso seu Gonzales pode me proporcionar!

Ludovica: Mas poderíamos tentar ganhar mais, não sei...

Benedita: Minha irmã, no mundo dos homens só conseguimos subir na vida nos casando. Sabe, eu invejo sua esperança em um mundo melhor.

Ludovica: E eu sinto muito que você não veja outra alternativa para seu futuro.

Benedita: É o único que me cabe Ludovica.

Ludovica: *(se levanta)* Bom, então te desejo toda a felicidade e espero que um dia você possa voltar a sonhar. *(vai saindo)* Vou trabalhar no que acredito ser certo para mim.

Benedita: E eu te desejo boa sorte. *(sai também)*

CENA 12 - Benedita no muro

Benedita: Tia Luzia...

Luzia: Como Tia Luzia? É tia Lu. Sua mãe não lhe deu educação?

Benedita (desviando o olhar): Tia... Lu, então. Eu só queria... sabe aquele seu colar, aquele bonito, com as pedras verdes?

Luzia: Bonito? Meu colar é uma peça rara, abençoada pelos astros!

Benedita: Tá, tá... uma peça rara. Por isso mesmo que é perfeito para o meu casamento.

Luzia: E por que a senhorita não pede para o seu Gonzales lhe dar um colar à altura de sua renda? Por acaso ele está com algum problema? Além de tarot e quiromancia posso fazer empréstimos, a juros baixos já que ele é praticamente da família.

Benedita (*desconcertada*): Não é da sua conta! Vai emprestar ou não?

Luzia (*se levanta teatralmente, indo até um baú*): Ah, o desespero por amor. É até bonito de ver.

Benedita (mais firme): Não é desespero! É só... gosto do colar, só isso.

(*Luzia pega o colar com cuidado e estende para Benedita, mas segura firme quando a sobrinha tenta pegar.*)

Luzia: Vai lhe trazer sorte. Mas cuide bem dele, Benedita. Ele é mais velho e mais sábio que você.

CENA 13 - Ping-Pong

Ludovica: Mamãe e Benedita estão me atormentando (*senta desajeitada e pega um livro*).

Benedita: Mãe, olha só! Eu já estou com tudo pronto para o meu casamento. O vestido, os detalhes, o véu... tudo como eu sempre sonhei. Vai ser perfeito, você vai ver!

Antônia olha com orgulho.

Benedita: Vou ligar o rádio para animar um pouco.

Começa a tocar Amélia.

Antônia: Eu amo essa música.

Luzia: Realmente não há nada que preste nos rádios.

Antônia cantarola.

Antônia: Agora que o assado está no forno, vamos preparar a maionese!

Ludovica: Eu não aguentaria estar em casa agora. A mãe e a Benedita estão preparando o jantar para Seu Gonzales.

Benedita: Ai mamãe, estou tão animada para hoje a noite! Tenho certeza de que tudo ocorrerá bem!

Ludovica: O que mais me preocupa, tia, é que ele pode acabar tendo que vir morar com a gente!

Luzia: É bem possível, ele está falido!

Ludovica: Falido?!?

Benedita: Sabe, mamãe, as coisas estão muito difíceis atualmente para o seu Gonzalez. Seria muito ruim se ele viesse morar com a gente? Pelo menos no início?

Ludovica: Você acha mesmo que ele vai morar com a gente? Eu não suportaria ter que ver a cara dele todos os dias e servi-lo de mingau!

Antônia: Mas minha filha, não se esqueça que você ainda divide quarto com sua irmã.

Benedita: Ah, tenho certeza que ela não vai ficar aqui por muito tempo.

Ludovica: Eu preciso sair de casa logo!

Antônia: Não gosto nada disso!

Benedita: Bem, pense com carinho e depois me fale.

Luzia: Ah, já sinto energias pesadas dessas intrigas de vocês. E dessa música também, desliga pra mim Ludovica.

Antônia: Aumenta o volume minha filha!

Ludovica e Benedita vão em direção ao rádio no mesmo momento. Toca a notícia de Francisco interrompendo a programação.

Locutor: “Agora uma notícia que vai abalar sua sexta-feira à noite. Francisco atual gestor das festividades da igreja católica da cidade de Porto Alegre está desaparecido após anunciar um rombo nos cofres da igreja.”

Benedita: Meu deus é o papai?

Antônia: Meu deus, é o seu pai!

Ludovica: Meu deus, é o pai?

Luzia: Acalme-se Ludovica, não há de ser seu pai, tem muitos Franciscos por aí.

Escutam mais um pouco.

Locutor: “Francisco de Albuquerque é casado com Antônia e possui duas filhas chamadas Benedita e Ludovica. Foi anunciado que todos os seus bens serão confiscados”

Ludovica: E agora, tia Lu?

(Luzia pega uma bolsa)

Luzia: Agora eu vou dar um jeito no Francisco (pausa)

Antônia: A Luzia saberá o que fazer!

Luzia: e você vem comigo!

Luzia e Antônia tiram juntas as divisórias.

CENA 14 - Final

Antônia: Precisamos da sua ajuda...

Benedita: O que ela tá fazendo aqui? Veio ver a desgraça da nossa família?!?

Ludovica: Ela é da família!

Luzia e Antônia fazem as pazes em forma performática.

Luzia: A felicidade te espera, eu vejo isso tão claro quanto as estrelas no céu. Você vai se erguer, transformar cada receita em esperança. Seus bolos serão como luz, levando doçura e prosperidade a esta casa. E, com eles, a paz finalmente encontrará morada aqui. Mas ainda precisamos resolver a questão do Francisco.

Luzia levanta de súbito e propõe coisas absurdas.

Luzia: Como resolver a questão do Francisco? Francisco...Francis... Ah magia! Polícia? NÃO! FACAS!!!

Antônia: Acho que está indo longe demais Luzia. Tenho certeza de que ele está sofrendo também.

Ludovica: Sofrendo estamos nós. Não vê tudo o que ele nos causou...como vou entrar na faculdade sem a assinatura dele?

Luzia: Falsificamos uma.

Benedita: E meu casamento? Se seu Gonzales não me quiser mais?

Luzia: Tenho certeza de que se ele gostar mesmo de você isso não será um empecilho.

Benedita: Mas deve ter um motivo para isso estar acontecendo... mamãe (pausa) você fez alguma coisa.

Ludovica: Cale-se Benedita. Não fale bobagens.

Luzia joga a prova na mesa. Pausa.

Luzia: Aqui está a prova que ele realmente é culpado.

Antônia: E o que você pretende fazer com isso Luzia?

Antônia arranca da mão da Luzia e Luzia e arranca de volta.

Luzia: Temos que destruí-las, proponho que expulsemos o Francisco de nossas vidas definitivamente! Velas! Antônia, alguma coisa que o Francisco te deu!

Antônia pega a caixa de cartas.

Luzia: Você sabe o que fazer Antônia! Sigam a mãe de vocês!

Antônia pega as cartas e a vela e propõe que as meninas rasguem as cartas.

Antônia: Eu renego o Francisco!

Ludovica: Eu renego o Francisco!

Benedita: Eu renego Francisco!

Pausa.

Luzia: Que as cordas frouxas deste casamento desfaçam o nó, que nunca sustentou o peso do amor. Renegamos aquele que, ao prometer proteção, trouxe abandono. Que jurou ser abrigo, mas foi ventania. Que a sua sombra desapareça das paredes desta casa, e que o seu nome perca o eco nos corações que um dia acreditaram em sua presença. *(Pausa).*

Ludovica: Mas o que acontece agora?

Luzia: Agora a gente come um bolo!

(Ludovica e Benedita se olham achando estranho, Antônia faz um sinal para que elas busquem o bolo).

Luzia: E assim, meus caros, a jornada chega ao fim... ou será que é apenas o começo? Como o Louco, seguimos passos incertos, nos lançando ao desconhecido. Como a Imperatriz, nos nutrimos das lições, crescemos, e criamos algo novo. E como

a Roda da Fortuna, não sabemos onde o destino nos levará, mas aprendemos a dançar com ele. Hoje, não somos mais os mesmos, mas, quem sabe, isso seja o que o verdadeiro destino queria o tempo todo. Lembrem-se, queridos, o verdadeiro herói não é aquele que vence a batalha, mas aquele que aprende com ela. Que a estrada à frente seja iluminada pela sabedoria das cartas, e que nunca nos esqueçamos: a vida é uma jornada, e estamos sempre em movimento. Até a próxima virada da roda. Mas ainda não batam palmas...falta o bolo.

Antônia: Luzia! (*Faz um sinal a chamando*).

Luzia: Como elas são lindas Antônia!

Antônia: Quem?

Luzia: As SUAS meninas.

Antônia: São mesmo!

Cada uma pega um pedaço de bolo

Luzia: E o bolo também... hm! Milho!

Elas riem juntas. As luzes se apagam.

FIM.